



Campus Universitário de Almada

Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada

PROCESSOS PSÍQUICOS DO RACISMO:

Mulheres negras brasileiras em Portugal

Pâmela Almeida Barcelos Ruiz

Dissertação

Orientador: Professora Doutora Sandra Roberto

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

2021/2022

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DE CÓPIA



Instituto
PIAGET

ANEXO I

LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA – REPOSITÓRIO COMUM

Ao depositar no Repositório Comum, os autores devem concordar com a seguinte licença de utilização:

LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

Ao depositar um documento no Repositório Comum, o/a Sr./Sra. :

- a) Concede à FCCN o direito não-exclusivo de reproduzir, converter (como definido em baixo), disponibilizar, comunicar e/ou distribuir o documento entregue (incluindo o resumo/abstract) em formato digital, no quadro e para os fins e objetivos do projeto RCAAP.
- b) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder à FCCN os direitos referidos na alínea anterior ou que obteve do respetivo titular as necessárias permissões para essa concessão.
- c) Declara que a concessão à FCCN dos direitos referidos na alínea a), não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade e que o conteúdo do documento disponibilizado não viola direitos de terceiros.
- d) Declara acautelar que os documentos por si disponibilizados não contêm informações sigilosas ou confidenciais relativas à sua atividade educativa ou profissional, nomeadamente em termos de marcas, patentes ou segredos industriais ainda não registados ou atribuídos pelas entidades competentes.
- e) Declara que os documentos contêm todas as referências bibliográficas, editoriais, e a referência aos respetivos programas financiadores e apoios institucionais (se aplicável).

A FCCN identificará claramente o(s) autor(es) do documento entregue, e não fará qualquer alteração, para além das permitidas por esta licença.

O autor pode solicitar que o seu documento seja retirado do Repositório Comum.

Data: 16 / 10 / 2023

Assinatura:

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE



Instituto
PIAGET

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPÓSITO NO REPOSITÓRIO COMUM Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto

Considerando que a legislação em vigor referente ao depósito legal de dissertações e teses - artigo 50.º, do Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, obriga ao depósito de uma cópia digital das teses e outros trabalhos de doutoramento e das dissertações de mestrado num repositório integrante da rede RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal,

Portador do Cartão de Cidadão n.º Residência 111 02 8 911

Autor do Trabalho de Projeto / Relatório Final / Dissertação de Mestrado

Intitulado/a: Processos Psíquicos do Racismo: Mulheres negras brasileiras em Portugal.

Concluído/a em 16 / 10 / 2023

Declaro, sob compromisso de honra, que:

1. O Trabalho de Projeto / Relatório final / Dissertação entregue e que conduziu à atribuição do grau é um trabalho original e detenho todos os direitos de autor;
2. Concedo ao Instituto Piaget, entidade instituidora da/o Pâmela Almeida Barcelos Ruiz uma licença não-exclusiva para a/o arquivar e tornar acessível em formato digital no Repositório Comum, ou em qualquer outro repositório que a Instituição venha a utilizar, com o seguinte estatuto:
Acesso aberto ☒ Acesso restrito ☐
Acesso fechado ☐ Acesso Embargado¹ ☐ até / /

Email: pamela.a.bruiiz@gmail.com Contacto tlf: 910045869

Data: 16 / 10 / 2023

Assinatura: P. Barcelos Ruiz

¹Após a data indicada, o documento fica disponível em Acesso Aberto.

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DE CÓPIA	3
DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE	5
LISTA DE ABREVIATURAS	9
AGRADECIMENTOS	11
RESUMO	13
INTRODUÇÃO	1
ARTIGO CIENTÍFICO	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
ANEXOS	61

LISTA DE ABREVIATURAS

CICDR – Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial

AGRADECIMENTOS

É com imensa felicidade e emoção que escrevo esta parte deste trabalho, pois é a última coisa que escrevo dele, e no fim o sentimento que fica mesmo é o de Gratidão. Não é difícil colocar aqui cada um que esteve comigo nessa longa jornada que foi esse processo chamado Dissertação. Então, lá vai.

Deixo aqui meu eterno agradecimento às minhas filhas, Lara e Luísa, que com uma paciência gigantesca entenderam a necessidade e desejo da mamãe em realizar este trabalho, que foi mais um, mas dentro praticamente de toda a vida delas, em que a mamãe precisava estudar, para um dia ser a tal psicóloga, e parece mesmo que esse dia vai chegar. Amo vocês, e vocês são a chave mestra nesse meu caminho.

Obrigada a minha mãe, Rosana, que desde que me conheço por gente, apostou em mim todas as suas fichas e me deu condições e orientações para que um dia eu chegasse até aqui. Obrigada, Mãe.

Ao meu pai, que também nunca mediu esforços para possibilitar que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. Obrigada, Pai.

Obrigada ao meu marido, companheiro e parceiro de vida, que desde antes de tudo isso começar, na verdade por isso tudo ser o meu desejo, nos encontramos e estamos nessa caminhada da vida. Você me apoia, de inúmeras formas, está ao meu lado nos momentos difíceis e acima de tudo, sempre acreditou em mim. Obrigada, amor.

Agradeço demais a minha prima, minha irmã, Maíra, que me acompanhou diariamente (literalmente) nesta dissertação, além de mais tudo na vida, não é? Me escuta, me entende, me anima, vive intensamente comigo cada página dessa minha vida. Te amo.

Agradeço imensamente a minha orientadora, professora Doutora Sandra Roberto, que não mediu esforços para concretizar comigo esta dissertação, não tenho palavras para agradecer

por todo o investimento que teve em mim. Obrigada mesmo, me considero uma pessoa de grande sorte por termos nos conhecido nessa fase da minha vida.

Agradeço também a minha amiga e professora, Ana Sayuri, quem eu tenho imensa admiração, que participou deste trabalho de uma forma mais que especial para mim, nem nos meus melhores sonhos eu poderia imaginar tamanho acontecimento e investimento. Obrigada Ana, por toda a disponibilidade.

Agradeço imensamente as mulheres que confiaram a mim as suas histórias e disponibilizaram seu tempo, sem vocês, esse trabalho não seria possível.

Agradeço também a todos os funcionários e funcionárias do Instituto Piaget, casa que me recebeu de braços abertos, onde vivi muitas alegrias e momentos representativos da minha vida pessoal e profissional, e sei que ainda muito será vivido.

RESUMO

Este estudo se concentra na análise da complexidade do racismo através de uma lente psicanalítica, examinando suas raízes históricas e persistentes que transcendem as épocas. Além disso, explora como o racismo vai além de atitudes negativas, envolvendo relações de dominação e a atribuição de inferioridade a grupos racializados. A interseção entre racismo, gênero e psicanálise lança luz sobre as complexas dinâmicas que moldam a subjetividade das mulheres negras, cujas vozes muitas vezes foram negligenciadas. Além disso, o estudo aborda a transgeracionalidade do racismo, que permeia o inconsciente coletivo e individual, influenciando a psique ao longo das gerações. O estudo busca compreender como as formas de racismo afetam os processos psíquicos das mulheres negras e imigrantes em Portugal, contribuindo para um entendimento mais profundo das interseções entre a psicanálise e o racismo. Este estudo tem implicações tanto para a prática clínica quanto para a promoção da saúde mental em uma sociedade cada vez mais diversificada e multicultural.

Palavras-chave: racismo, psicanálise, mulher negra, migração, processos psíquicos.

ABSTRACT

This study focuses on the analysis of the complexity of racism through a psychoanalytic lens, examining its historical and persistent roots that transcend eras. Furthermore, it explores how racism goes beyond negative attitudes, involving power dynamics and the ascription of inferiority to racialized groups. The intersection of racism, gender, and psychoanalysis sheds light on the intricate dynamics shaping the subjectivity of Black women, whose voices have often been overlooked. Additionally, the study addresses the transgenerational nature of racism, which permeates both the collective and individual unconscious, influencing the psyche across generations. The study seeks to understand how various forms of racism impact the psychological processes of black and immigrant women in Portugal, contributing to a

deeper understanding of the intersections between psychoanalysis and racism. This study has implications for both clinical practice and the promotion of mental health in an increasingly diverse and multicultural society.

Keywords: racism, psychoanalysis, black women, migration, psychic processes.

INTRODUÇÃO

A compreensão do racismo pela psicanálise, como um fenômeno complexo e persistente tem sido explorada por diversos autores ao longo dos anos. Moore (2007) destaca que o racismo transcende a história da colonização e escravidão, apresentando evidências de sua presença desde tempos remotos. Vala (2021) ressalta que o racismo vai além de atitudes negativas, envolvendo relações de dominação e a atribuição de inferioridade a certos grupos. Fanon (2020) discute a experiência do negro em um mundo dominado pela cultura branca, enquanto Freud (2013) explora a projeção e a sensação de estranheza em relação ao outro. A importância das alianças inconscientes na formação do sujeito é destacada por Kaës (2011). Essas perspectivas revelam a complexidade do racismo e apontam para a necessidade de aprofundar o conhecimento e enfrentar essas questões tanto em Portugal quanto na diáspora negra. Além disso, Kilomba (2020) enfatiza a negação e a projeção como mecanismos presentes no racismo, nos quais a branquitude se vê como moralmente superior, projetando aspectos indesejados em grupos racializados. A autora ressalta a necessidade de reconhecer e enfrentar essas projeções, que perpetuam a estigmatização do outro racial. Kilomba (2020) destaca ainda a falta de importância dada ao tema do racismo por um longo período, evidenciando a necessidade de ampliar o conhecimento e promover uma abordagem mais abrangente e inclusiva para lidar com as questões raciais em Portugal e além.

Conforme destacado por Santos (1983), ao considerarmos o Ideal do Ego e sua relação com a identidade, percebemos que em uma sociedade multirracial, ainda marcada pela hegemonia branca, a busca por uma identidade autêntica se torna um desafio complexo, especialmente para indivíduos negros.

A interseção entre racismo, gênero e psicanálise lança luz sobre as complexas dinâmicas que moldam a subjetividade das mulheres negras. Essas discussões levantam questões profundas sobre como a opressão racial e de gênero se entrelaça, criando uma experiência única para as

mulheres negras, cujas vozes frequentemente foram negligenciadas ou silenciadas. (de Silva, 2020; Birman, 2017; Hooks, 2019; Souza, 2021; Nascimento, 2008).

A transgeracionalidade do racismo é um fenômeno intrincado que permeia o inconsciente coletivo e individual, influenciando a psique ao longo das gerações. Conforme destacado por Kaes (2014), o inconsciente de um sujeito não se limita a sua experiência individual, mas é moldado por uma rede complexa de influências que abrange tanto o indivíduo quanto as interações sociais. Freud (1912/1986) já explorava a transmissão transgeracional de experiências coletivas, questionando como as vivências acumuladas eram incorporadas ao inconsciente.

Portugal passou por profundas transformações sociais ao longo do século XX e início do século XXI, com a emergência de uma sociedade multicultural e o aumento da imigração, apesar de enfrentar desafios relacionados ao racismo, com impactos significativos nas minorias raciais (Marques, 2020; Araújo, 2007; Kilomba, 2020). É essencial compreender o atual panorama do racismo em Portugal e suas implicações na sociedade e na identidade nacional (Vala, Brito e Lopes, 2015; CICDR, 2022).

O estudo emerge como um tópico de relevante e complexo, que merece um lugar de questionamentos e reflexões para a pesquisa acadêmica e clínica. Este estudo oferece uma perspectiva para compreender os processos psíquicos subjacentes ao racismo, especialmente no que diz respeito às experiências das mulheres negras e imigrantes, e amplia nosso entendimento das interações entre fatores culturais, sociais e psicológicos. Além disso, reconhece a importância da abordagem interseccional, considerando não apenas o impacto do racismo, mas também como ele se entrelaça com outras formas de opressão, como o sexismo.

O principal objetivo deste estudo é compreender como as formas de racismo atuam nos processos psíquicos das mulheres negras e imigrantes em Portugal.

Este estudo visa contribuir para um entendimento mais profundo das complexidades envolvidas na interseção entre a psicanálise e o racismo, oferecendo reflexões acerca da prática clínica e a promoção da saúde mental em uma sociedade cada vez mais diversificada. O estudo foi conduzido com um grupo de mulheres negras e imigrantes que vivem em Portugal.

A dissertação está organizada em seções distintas, começando pela revisão de literatura, em seguida, está a produção de um artigo científico que relata a pesquisa empírica realizada, descrição do método qualitativo psicanaliticamente informado, que consiste em uma abordagem particular na qual se destaca a importância dos afetos, dos conflitos dinâmicos e dos processos inconscientes intersubjetivos na compreensão dos indivíduos (Roberto et al, 2021), pois estudo tem como objetivo principal compreender os processos psíquicos do racismo em mulheres negras brasileiras. Com isso, as questões de investigação que o estudo busca compreender são: Como as experiências vividas por mulheres negras em Portugal influenciam seus processos psíquicos?; Como é constituída a identidade da mulher negra?; De que maneira o racismo é transmitido de forma inconsciente de mãe para filha?

Revisão de literatura

Imigração e racismo em Portugal

Portugal tem vivenciado mudanças sociais significativas, caracterizadas por uma convivência multicultural nas principais cidades e pelo desafio persistente do racismo (Marques, 2020).

Segundo Araújo (2007) estudos realizados em Portugal revelam a existência da discriminação racial e étnica, com altos índices de percepção de racismo entre grupos migrantes e crianças negras. O racismo se manifesta tanto de forma explícita, através de abusos verbais, quanto de maneira velada, com visões estereotipadas sobre minorias como portadoras de deficiências culturais e linguísticas. Kilomba (2020) afirma que o racismo é revelado em um nível estrutural, pois pessoas negras estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Ela

argumenta que as estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestadamente os sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. Essas representações têm consequências significativas nas oportunidades de vida, levando a baixas expectativas, notas escolares mais baixas e dificuldades de acesso a emprego e moradia.

O racismo também influencia a construção da identidade, com negros portugueses enfrentando dificuldades para se afirmarem como portugueses devido à percepção negativa que têm de si mesmos e da sociedade. A identidade nacional é associada à raça, e não aos valores culturais, dificultando a inclusão e o reconhecimento dos negros como portugueses (Araújo, 2007).

Kilomba (2020) destaca que o racismo não é apenas um fenômeno ideológico, mas também está institucionalizado. O termo "instituição" implica que o racismo está enraizado em várias áreas da sociedade. Ela menciona sistemas educacionais, mercados de trabalho, sistemas de justiça criminal e outras operações cotidianas como exemplos de áreas em que existe um padrão de tratamento desigual.

Racismo e psicanálise

Freud, em seu texto "O Estranho", explora a ideia de que o outro pode ser fonte de medo e angústia, destacando que o "estranho" pode se manifestar de diversas maneiras. (Campos, Santos e Nobre, 2022). O autor explora a etimologia da palavra alemã "unheimlich", que combina o familiar (heim) com sua negação (un). A partir dessa reflexão sobre a origem e a formação da palavra, Freud conclui que aquilo que nos causa estranheza ou repulsa é paradoxalmente aquilo que nos é mais familiar, embora esteja reprimido em nosso inconsciente. A partir dessa origem etimológica, surge um conceito fundamental para compreender os mecanismos de duplicação, a estrutura da repulsa ou do medo e, principalmente, a sensação de estranheza (de Lellis, 2008).

Freud (2013) enfatiza que o desenvolvimento do Eu ocorre por meio de identificações, que envolvem assimilação e transformação de características de outra pessoa de acordo com um modelo. A identificação é vista como uma expressão inicial de conexão emocional com outro indivíduo.

Do ponto de vista psicanalítico, a projeção das características indesejadas nos negros permite que a branquitude preserve sua imagem positiva. Os sentimentos positivos em relação a si mesma são preservados, enquanto as partes consideradas "más" são projetadas nos outros. Os negros são identificados como o objeto "ruim", incorporando as características reprimidas pela sociedade branca, como agressividade e sexualidade. Isso permite que a branquitude se veja como moralmente superior, controlada e livre dos problemas associados à sua própria história (Kilomba, 2020).

Fanon (2020) explica que o inconsciente coletivo não depende da herança cerebral; é o resultado da imposição cultural irrefletida. Portanto, não é surpreendente que um antilhano, submetido ao método do sonho acordado, reviva os mesmos fantasmas que um europeu. Isso ocorre porque o antilhano compartilha o mesmo inconsciente coletivo que o europeu.

Sou um negro – mas obviamente não sei isso, pois sou isso. Em casa, minha mãe canta para mim, em francês, trovas francesas em que nunca há sequer menção a negros. Quando desobedeço, quando faço muito barulho, dizem para que eu pare de “agir feito negro” (Fanon, 2020, p. 190)

Fanon (2020) argumenta que, em um mundo dominado pela cultura branca, a descoberta e o conhecimento do próprio corpo por parte de pessoas de cor são processos de negação, devido às diferenças entre a representação idealizada do corpo branco e a real aparência do corpo não branco. Essa incompatibilidade gera uma atmosfera constante de dúvida e incerteza, de acordo com o autor.

Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, extorque de mim qualquer valor, toda a originalidade, diz que eu parasito o mundo, que preciso antes acertar o passo com o mundo branco[...] (Fanon, 2020, p. 103)

René Kaës (2011) propõe que o sujeito do inconsciente é o sujeito do vínculo, destacando que ele é proporcionado pela intersubjetividade na formação da subjetividade. Kaës afirma que o vínculo é estabelecido por meio da realidade psíquica original, que só é possível pelo encontro entre sujeitos. Assim, o sujeito é formado e mantido por meio de relações dentro de uma cadeia, incluindo tensões e divisões internas. Conclui-se, assim, que a continuidade da cadeia estabelece o suporte para que o sujeito permaneça (Castanho, 2018).

A concepção de sujeito kaesiana, que se baseia na compreensão freudiana de que o indivíduo possui uma existência dupla. Por um lado, o sujeito é um fim em si mesmo, mas por outro lado, é um elo de uma corrente social à qual serve, mesmo que contra sua vontade. Isso significa que o sujeito é tanto influenciado pelo contexto social em que está inserido quanto busca se libertar dele. Essa dualidade impõe ao sujeito uma ambivalência e uma tensão constante entre seguir o desejo individual e ocupar o lugar imposto pelo Outro (Santos e Castanho, 2021).

Moore (2007) destaca que o racismo transcende a história da colonização e escravidão, apresentando evidências de sua presença desde tempos remotos. Vala (2021) ressalta que o racismo vai além de atitudes negativas, envolvendo relações de dominação e a atribuição de inferioridade a certos grupos. Fanon (2020) discute a experiência do negro em um mundo dominado pela cultura branca, enquanto Freud (2013) explora a projeção e a sensação de estranheza em relação ao outro. A importância das alianças inconscientes na formação do sujeito é destacada por Kaës (2011). Essas perspectivas revelam a complexidade do racismo e apontam para a necessidade de aprofundar o conhecimento e enfrentar essas questões tanto em Portugal quanto na diáspora negra. Além disso, Kilomba (2020) enfatiza a negação e a projeção

como mecanismos presentes no racismo, nos quais a branquitude se vê como moralmente superior, projetando aspectos indesejados em grupos racializados. A autora ressalta a necessidade de reconhecer e enfrentar essas projeções, que perpetuam a estigmatização do outro racial. Kilomba (2020) destaca ainda a falta de importância dada ao tema do racismo por um longo período, evidenciando a necessidade de ampliar o conhecimento e promover uma abordagem mais abrangente e inclusiva para lidar com as questões raciais em Portugal e além. O racismo vai além de simples atitudes negativas entre grupos ou rejeição baseada em diferenças de cor ou outras características não consideradas desejáveis. No cerne do racismo está a ideia de uma inferioridade relativa, que é difícil de superar, atribuída a certos grupos humanos, juntamente com as relações de dominação envolvidas nesse processo de inferiorização (Vala, 2021). As alianças inconscientes, como descritas por Kaës (2014), desempenham um papel fundamental na formação do inconsciente, conectando cada indivíduo ao grupo por meio de acordos, pactos e leis que operam em um nível inconsciente. Essas alianças constituem os suportes metapsíquicos para a vida interna de cada indivíduo e as relações inconscientes entre os membros das instituições. Embora sejam responsáveis por sustentar a vida psíquica e estruturar as relações inconscientes dentro de um grupo, essas alianças também são defensivas e podem levar ao surgimento de sintomas compartilhados.

Estar fora de seu local de origem, como um africano ou negro, traz à tona a dualidade de presença e invisibilidade. Isso resulta em uma sensação de deslocamento, seja temporário ou permanente, e um desejo de retornar ao local de origem, mesmo que esse lugar nem sempre seja claramente definido (Gusmão, 2011).

Kilomba (2020) descreve o racismo cotidiano como sendo composto por todas as manifestações diárias do racismo. Isso inclui vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam as pessoas negras e as Pessoas de Cor como "Outra/o", ou seja, diferentes e inferiores em relação aos sujeitos brancos. Ela ressalta que o racismo cotidiano opera através

de processos de infantilização, primitivização, incivilização, animalização e erotização, nos quais as pessoas negras são percebidas como estereótipos negativos e são constantemente rebaixadas e discriminadas. Kilomba (2020) enfatiza que essas experiências não são pontuais, mas sim uma constante ao longo da vida de uma pessoa racializada.

O psicanalista africano Davids (2020) desenvolveu o conceito de racismo interno, que se refere a uma estrutura da mente que influencia nossa relação com membros de grupos étnicos/raciais externos. Essa relação é governada por um sistema defensivo persecutório, estabelecendo uma dinâmica de "nós versus eles". Ele descreve esse sistema como uma organização defensiva baseada em fantasias, que leva os indivíduos a experimentar ansiedade e a recorrer ao racismo interno como uma solução. Esse racismo se baseia em projeções de aspectos indesejados de si mesmo no outro, transformando o familiar em algo estranho. As crenças resultantes são, em essência, racistas, embora as pessoas que as adotam possam apresentar justificativas aparentemente lógicas para suas posições. Esse sistema organizado interno representa defesas poderosas contra o reconhecimento de nosso próprio racismo, levando ao risco de manter o outro racial inconscientemente estigmatizado. Essa existência de uma "organização racista, principalmente inconsciente, em todos nós" pode levar à paralisia psicológica ao lidar com comportamentos racistas abusivos em outras pessoas e, muitas vezes, resulta em silêncio diante dos inúmeros crimes cometidos contra a população negra.

Os negros são constantemente alvo de comparação, essa é a primeira verdade. A comparação implica em uma constante preocupação com a autovalorização e a busca do ego ideal. Em cada interação com outras pessoas, surge a questão do valor e do mérito. Aqueles que se opõem aos negros são vistos como desprovidos de valor próprio, sempre dependentes do reconhecimento alheio. A questão é sempre ser considerado menos inteligente, mais negro e pior do que eu. Todo esforço para me posicionar e me fortalecer ocorre em detrimento da desvalorização do

outro. É sobre as ruínas daqueles próximos a mim que eu construo minha suposta virilidade (Fanon, 2020).

No racismo, a negação é usada para legitimar estruturas de exclusão racial violenta. A informação de que os negros estão tomando o que é seu é negada e projetada sobre eles, enquanto os brancos se retratam como vítimas compassivas. Isso ocorre porque o sujeito branco, dividido internamente, projeta sua parte "má" e rejeitada no "Outro" negro, evitando reconhecer essas características em si mesmo. Os negros se tornam uma tela de projeção para os medos do branco, sendo associados a ladrões violentos e maliciosos. Essa projeção alivia a ansiedade, culpa e vergonha que o branco sente em relação a si mesmo (Kilomba, 2020).

Durante muito tempo, o racismo foi ignorado e subestimado como um problema tanto teórico quanto prático nos círculos acadêmicos, resultando em uma lacuna séria no conhecimento. (WeiB, 1998, como citado em Kilomba, 2020) Isso mostra a falta de importância dada ao fenômeno do racismo e revela o desrespeito em relação àqueles que são afetados por ele (Kilomba, 2020).

A mulher negra

Ideias que associam características masculinas à atividade, domínio e perfeição, enquanto atribuem fragilidade e passividade ao feminino, perpetuam práticas violentas. As mulheres que desafiam os papéis maternos são estigmatizadas, rotuladas como prostitutas, infanticidas, ninfomaniacas e histéricas, justificando sua medicalização (Birman, 2017).

A subjetividade feminina era limitada por processos repressivos, associada à maternidade e concepções biologicistas. A hipersexualização afetou especialmente mulheres não europeias, intensificando a visão negativa de seus corpos (Ferrara, 2019).

Descobrir-se negra é uma jornada para desvelar identidades impostas, resgatar sua história e potencialidades (Souza, 2021). Mulheres negras, frequentemente chefes de família em empregos precários, enfrentam desafios singulares (Nascimento, 2008).

A imagem negativa associada à mulher negra persiste, com estereótipos que as rotulam como "a má", prostitutas, selvagens sexuais, desumanizadas e mais. Mitos, como o do matriarcado, sustentam essas concepções errôneas (Hooks, 2019). A mulher negra sofre discriminação dissimulada em uma sociedade que promove a igualdade racial de forma retórica. Ela é frequentemente ausente na representação social e midiática, revelando a hipocrisia da sociedade (Nascimento, 2008).

Introjeção do racismo

Para compreender a vivência do racismo, a autonomia e a identidade individual desempenham um papel crucial. De acordo com Santos (1983), a capacidade de expressão e compreensão da própria realidade é essencial para a autonomia. No entanto, na mente de um indivíduo, a influência de outras pessoas é notável, moldando ideais e modelos a serem seguidos. Nesse contexto, o conceito de Ideal do Ego emerge como uma estrutura simbólica que fortalece os laços e cria normas culturais compartilhadas dentro de um grupo. No entanto, quando se trata de uma sociedade multirracial, mas dominada pela hegemonia branca, como enfatizado por Santos (1983), a busca pela identidade autêntica se torna ainda mais desafiadora, especialmente para o indivíduo negro cujo Ideal de Ego é moldado pelo modelo branco imposto. Essa luta por uma identidade própria é complexa e pode gerar conflitos internos, resultando em narcisismo negativo e autodestrutividade. Neste contexto, as implicações psicológicas do Ideal do Ego, a influência do contexto sociocultural, e como o processo de construção da identidade pode ser afetado pelo racismo e opressão, impactando a luta do indivíduo negro para encontrar seu espaço e expressão autêntica.

Na vida mental de um indivíduo, outra pessoa está sempre presente, seja como objeto, auxiliar ou oponente (Freud, 2013).

De acordo com Santos (1983), é essencial que haja um modelo pelo qual o indivíduo possa se desenvolver, um modelo ideal que visa recuperar o narcisismo original perdido. Esse modelo é denominado "Ideal do Ego" e difere do conceito de "Ego Ideal". Enquanto o Ego Ideal é caracterizado por idealizações excessivas e fantasias, o Ideal do Ego pertence ao domínio do simbólico, envolvendo a articulação e o vínculo. Os membros de um grupo tendem a convergir e adotar o mesmo Ideal do Ego, o que acaba se tornando o Ideal compartilhado pelo grupo. Essa fidelidade comum ao mesmo ideal une o grupo e fortalece seus laços. O Ideal do Ego desempenha um papel essencial na estruturação do sujeito psíquico, conectando-o à Lei e à Ordem, sendo assim o local do discurso. O Ideal do Ego é a estrutura através da qual a normatividade libidinal se liga à cultura. A realização do Ideal do Ego torna-se uma exigência imposta pelo Superego ao Ego, difícil de ser contornada (Hinshelwood, 2007).

O Ideal desejado é a identidade com o Ego Ideal, uma formação intrapsíquica baseada no "ideal narcísico de onipotência", moldado a partir do modelo do narcisismo infantil. No entanto, a medida em que essa insatisfação se manifesta pode variar em diferentes níveis, dependendo da relação estabelecida entre o Ego atual e o Ideal do Ego no registro simbólico (Santos, 1983)

Dessa forma, a luta do negro em uma sociedade como essa é dupla: ele busca desafiar e desconstruir o Ideal de Ego imposto, buscando uma identidade mais autêntica e positiva, enquanto confronta as estruturas racistas e classistas que o oprimem. Essa luta é árdua, mas é uma tentativa necessária de encontrar espaço para sua verdadeira expressão e libertar-se das amarras de um sistema opressor (Santos, 1983).

Na obra de Klein, vários conceitos inter-relacionados são cruciais para compreender o racismo e o ódio. O primeiro deles é a fantasia, que representa psiquicamente os instintos e se baseia em elementos internos e do mundo externo, modificados por sentimentos e emoções, para depois serem projetados em objetos reais e imaginários (Clarke e Clarke, 2003).

A fantasia está ligada à ideia de cisão. O medo de uma criança se manifesta por meio de fantasias de perseguição, levando à divisão do mundo em objetos bons e maus. O bom é internalizado e idealizado, enquanto o mau é projetado em alguém ou algo externo. Essa divisão busca criar ordem a partir do caos, resultando em fronteiras e uma forte distinção entre "nós" e "eles", "bom" e "mau"(Clarke e Clarke, 2003).

Uma parte da personalidade da criança permanece presa em um determinado momento e nível de desenvolvimento, quando as reações adaptativas ainda eram impossíveis, e, por uma espécie de imitação, ela responde de forma mais rígida e inflexível. Consequentemente, essa personalidade assume uma configuração composta majoritariamente pelo id e Superego, tornando-se incapaz de lidar com situações de desprazer. É como se fosse uma criança que ainda não tivesse alcançado um desenvolvimento pleno e, portanto, não conseguisse suportar a solidão, necessitando da proteção maternal e de uma grande dose de afeto (Ferenczi e Moraes, 2003).

A ideia de um "superego ego-destrutivo" surge da autodestrutividade primária do instinto de morte. Freud (1930) reconheceu que os "instintos agressivos" humanos têm relevância particular para despertar a culpa do superego (Hinshelwood, 2007).

A violência interna autodirigida pode não se manifestar explicitamente como suicídio, mas ataca as boas relações do ego, o amor e a necessidade de sobreviver (Riesenberg-Malcolm, 1999, como citado em Hinshelwood, 2007). Essa destrutividade autodirigida é conhecida como narcisismo negativo, e o ego precisa se organizar para enfrentar essa raiva interna (Rosenfeld, 1959, 1971 como citado em Hinshelwood, 2007).

Além disso, esse objeto que rejeita os aspectos vivificantes do eu, dos objetos e das relações, pode servir como uma proteção contra a frustração comum de não encontrar o objeto bom que é procurado devido à sua bondade. Dessa forma, a organização patológica satisfaz tanto a negatividade quanto serve como uma defesa contra a dor do amor. Essa estrutura afasta tanto

as ansiedades esquizóide-paranóicas quanto as ansiedades depressivas, como explicado por Steiner (1993 como citado em Hinshelwood, 2007).

Ferenczi e Moraes (2003) fazem referência às ideias desenvolvidas por Freud há muito tempo, quando ele destacou a capacidade de experimentar o amor por um objeto ser precedida por um estágio de identificação. Eu descreveria esse estágio como sendo o estágio do amor objetal passivo ou estágio da ternura. Nesse ponto, traços do amor por um objeto podem surgir, mas apenas como fantasias de forma lúdica. É assim que as crianças, quase sem exceção, brincam com a ideia de assumir o papel do genitor do mesmo sexo para se tornarem o cônjuge do sexo oposto, mas é importante notar que isso ocorre apenas na imaginação. Na realidade, elas não desejariam nem poderiam se abster da ternura, especialmente aquela proveniente da figura.

No caso da pessoa negra, a imagem que ela constrói de si mesma, moldada na relação com os outros e influenciada pelo ideal de brancura, não apenas carece de qualquer semelhança com a realidade de seu próprio corpo, mas também é negada por este último. Esse processo resulta em angústia e confusão entre o que é real e o que é imaginário, levando à internalização de uma agressividade que leva à autorejeição e, em última instância, pode levar a uma despersonalização, transformando o sujeito em um autômato alienado aos desejos dos outros (de Jesus, 2020)

A agressão contra si mesmo é especialmente evidente quando relações amorosas e dependentes com outro objeto valorizado são reconhecidas. Essas relações se tornam intoleráveis, pois as atitudes exigidas pelo objeto interno intolerante consomem o eu.

O resultado é um mundo interno brutalizado que muitas vezes parece inerte e vulnerável ao objeto interno estranho que exige a desvalorização de objetos, relações externas e valores humanos, que podem ser representados por bons objetos internos. Esse objeto patológico, um superego anormal, é como uma "antimatéria", não sendo fruto do complexo de Édipo libidinal, mas sim uma criação do instinto de morte (Hinshelwood, 2007).

O ego tende a se dividir ao longo da linha de falha natural entre sentimentos (e impulsos) bons e maus, criando um conflito interno entre partes do eu, não apenas entre desejos. Assim, um "eu negativo" emerge conforme os instintos enfraquecem. Esse "eu negativo" interage com os aspectos "bons" do eu de forma onipotente, dominando os aspectos que poderiam melhorar a vida da pessoa. Os aspectos negativos são percebidos como estranhos, gerando um ego-distônico. Essa concepção se assemelha à noção freudiana de um "grau" no ego que forma o superego, mas é extremamente severa, perigosa e insuportável (Hinshelwood, 2007).

Nessa descrição, o objeto interno intolerável não surge das figuras primárias edípicas ou de seus substitutos que formam padrões e atitudes. A dureza do superego se desenvolve de forma distinta. Quando o ego se organiza a partir de um narcisismo negativo - uma estrutura patológica - o superego exercerá uma força ego destrutiva insuportável (Hinshelwood, 2007).

A hipótese é que a organização patológica possui uma potencialidade interna para atitudes socialmente intolerantes, como o racismo. Essas atitudes sociais de racismo, por exemplo, podem estar relacionadas a um ego-ideal de "brancura" cultural. Essas atitudes sociais podem se alinhar com um objeto interno intolerante em relação a valores humanos como necessidade, dependência, gratidão, honestidade e preocupação, os quais são substituídos por atitudes superiores, dominadoras, cruéis e irreais. Desse modo, um objeto interno intolerante pode adquirir um "conteúdo" de atitudes sociais. Sugere-se que essas relações psíquicas internas brutais da organização patológica podem se tornar ganchos nos quais se prendem relações externas prejudiciais dentro do indivíduo (Hinshelwood, 2007).

Transgeracionalidade do racismo

O inconsciente de cada indivíduo é permeado por elementos provenientes da estrutura e conteúdo do inconsciente de outras pessoas, até mesmo de mais de uma outra fonte. Além disso, o inconsciente de um sujeito se inscreve e exerce sua influência em diversos espaços

psíquicos, múltiplos registros e através de diversas formas de linguagem, tanto no indivíduo em questão quanto nas interações sociais (Kaes, 2014).

Em sua obra "Totem e Tabu", Freud retoma a discussão sobre a transmissão transgeracional de experiências e vivências coletivas. Ele ressalta a importância da obrigatória passagem das experiências acumuladas de uma geração para outra, a fim de evitar que cada nova geração tenha que recomeçar do zero. Nesse contexto, Freud levanta uma questão crucial: como exatamente percebemos e absorvemos aquilo que nossos antepassados viveram e aprenderam? Ele indaga sobre o grau de continuidade psíquica que podemos inferir entre as diferentes gerações e explora os meios e vias através dos quais uma geração transmite seus estados mentais para as subsequentes (Freud, 1912/1986). Freud argumenta que mesmo quando ocorre um processo de recalque eficiente, ainda assim não é possível eliminar todos os resquícios deixados por essas experiências passadas.

A concepção de Kaes difere da abordagem de Freud e amplia o conceito do inconsciente. Nos primeiros trabalhos de metapsicologia de Freud, como em "A repressão" (1915/2010a) e "O inconsciente" (1915/2010b), o autor define o Inconsciente como resultado da herança filogenética, atuando de maneira individual. Posteriormente, em suas pesquisas clínicas, Freud mantém a ideia de que o Inconsciente é pessoal, mas demonstra a possibilidade de haver interconexões entre os inconscientes na dinâmica da análise, como evidenciado em textos como "O eu e o id" (1923/2011). Já Kaes (2014) expande essa perspectiva, destacando que o inconsciente de cada sujeito traz traços de outros inconscientes e que sua influência se manifesta em vários espaços psíquicos, registros e linguagens, tanto individualmente como nas relações interpessoais.

De acordo com as observações de Bento (2001), o Inconsciente não é apenas o "desconhecido ou inexprimível", mas sim uma série de fenômenos que possuem uma força intensa e indomável, que atuam persistentemente e seguem uma lógica e dinâmicas próprias,

submetendo-se aos processos primários. O Inconsciente é dinâmico e é construído a partir do encontro com o outro, a cultura e o contexto social. Nesse contexto, surge a questão: o que compõe o Inconsciente?

É comum que, ao se fazer uma leitura superficial da teoria psicanalítica, acredite-se que o conteúdo do Inconsciente seja algo desconhecido, portanto, sem implicação direta do sujeito. Essa visão pode levar a uma concepção equivocada de que o Inconsciente é como um "outro" que habita o sujeito, resultando em uma suposta divisão entre o sujeito do Inconsciente e o sujeito do consciente. No entanto, essa separação é ilusória, uma defesa para lidar com as consequências dos impulsos inconscientes que se manifestam e causam danos aos outros e a si mesmo. Na verdade, o Inconsciente faz parte integral do sujeito e influencia sua psique e comportamento de maneira intrincada, não sendo uma entidade separada do eu consciente. Portanto, é fundamental compreender que o Inconsciente não é uma entidade distinta, mas sim uma dimensão intrínseca do indivíduo que requer exploração e compreensão para promover o autoconhecimento e a saúde mental (Gorjon,2021).

As contribuições de Abraham e Torok (1978), psicanalistas de origem húngara, englobam conceitos-chave que estabelecem as bases para futuros desenvolvimentos nesse campo de pesquisa. A noção de "cripta" diz respeito ao enterro intrapsíquico de uma experiência vergonhosa e indizível, manifestando-se como um fantasma de incorporação. Esse fantasma emerge como consequência dos impactos de um segredo inconfessável. Indivíduos que carregam uma cripta sentem-se compelidos a simbolizar em relação a um outro internalizado, assumindo a forma de um objeto psíquico interno, existindo em um estado semelhante a estar "morto- vivo".

Abraham descreve o "fantasma" como uma sombra, uma formação do inconsciente que nunca foi consciente. Ele resulta da passagem intrusiva do inconsciente de um dos pais para o inconsciente do filho, com uma função distinta daquela do material recalcado de forma

dinâmica. Portanto, esse "fantasma" transmitido ao filho carrega em si o que para o pai ou a mãe representou uma ferida narcísica significativa ou uma catástrofe. Nessa hipótese, torna-se claro que, na "cripta," há um processo psíquico intimamente ligado à pulsão de morte, que foi postulada por Freud em sua segunda teoria das pulsões (Correa, 2003).

O poder da branquitude é uma rede complexa na qual os indivíduos brancos, consciente ou inconscientemente, exercem influência em seu cotidiano através de pequenas técnicas, procedimentos, fenômenos e mecanismos que resultam em efeitos específicos e localizados de desigualdades raciais (Schuman, 2012). Essa estrutura mantém a perpetuação de privilégios e a reprodução de disparidades raciais, muitas vezes imperceptíveis para aqueles que a detêm, mas que têm um impacto significativo na vida daqueles que estão em posições de desvantagem. É essencial reconhecer e compreender a complexidade dessa dinâmica para enfrentar as questões relacionadas ao racismo e trabalhar para promover a justiça social e a igualdade.

Kaes (2001) destaca que Freud deixou um legado para pensar a transmissão psíquica, ao propor que a constituição da psique humana envolve tanto a dimensão intersubjetiva, que se refere às relações entre os sujeitos, quanto a dimensão intrapsíquica, relacionada à relação do sujeito consigo mesmo. Nessa última, encontramos concepções como o "Id hereditário", o "Ego derivado do Id" e o "Superego herdeiro do complexo de Édipo" e, portanto, dos "Superegos parentais". Ambas as dimensões ressaltam a importância da herança e da transmissão geracional no desenvolvimento psíquico e nas interações humanas.

Segundo Kaes (2001), aquilo que recebemos como herança ao longo das gerações não deve nos levar a um sentimento de "horror de ter nascido" ou causar uma "ferida narcísica". Pelo contrário, esse material deve nos desafiar a confrontar a nossa própria "onipotência" do ego (eu).

Conforme a perspectiva de Kaes (2001), a transmissão de geração em geração é fundamental para a formação do Inconsciente e para os efeitos de subjetividade que emergem da

intersubjetividade. Os indivíduos, juntamente com seus inconscientes, são constituídos a partir das influências de grupos sociais, familiares e institucionais. Nesse contexto, o grupo precede o próprio sujeito, significando que nascemos imersos em um grupo sem escolha prévia.

Antes de nos tornarmos sujeitos autônomos, somos impactados pelas inúmeras relações intersubjetivas estabelecidas por aqueles que nos antecederam. Somos investidos por suas experiências, tornando-nos servidores e herdeiros de seus "sonhos de desejos insatisfeitos", de suas repressões e renúncias, imersos na teia de seus discursos, fantasias e histórias (Kaes, 2001).

De acordo com Kaes (2001), o sujeito é, em sua essência, primeiramente um "intersujeito", ou seja, sua constituição está intrinsecamente ligada às relações interpessoais e grupais que o precedem. Somente ao se apropriar dos efeitos de sua pré-história e ao refletir sobre sua existência presente é que o indivíduo pode verdadeiramente se apropriar de si mesmo. O grupo exerce um papel fundamental nesse processo, pois é através dele que somos introduzidos ao mundo, seus valores, interditos, identificações e limites. É o grupo que oferece os meios necessários para sustentarmos os recalques e abdições pulsionais que são imprescindíveis para nossa integração na coletividade.

Ao longo das gerações, o sujeito herda os significantes específicos da cultura à qual pertence, incorporando alguns deles, enquanto outros lhe são apresentados como algo "estranho" ou até mesmo impostos, constituindo-se como uma presença obscura e desconhecida dentro de si, oriunda de outros indivíduos ou grupos (Kaes, 2001).

Kaes (2001) destaca que herdamos elementos inconscientes por meio de processos como apoio, identificação e incorporação, transmitindo idealizações, referências, ritos, mitos, mecanismos de defesa e nossa capacidade de recalque. Ele ressalta que essa transmissão inclui uma "negatividade mais radical," que não é lapidada ou elaborada, tornando desafiador para o receptor reinscrever e elaborar esse afeto.

Kaes (2001) também observa que o sujeito herdeiro pode tirar um "cruel benefício" dessa transmissão, levantando questões sobre como a branquitude pode ser considerada um negativo transmitido com benefícios cruéis. A transmissão tem uma face estruturante, que oferece apoio ao sujeito, e uma face alienante, que é destrutiva e ameaçadora, sem identificação do sujeito.

Kaes (2001) explora a transmissão de elementos inconscientes, destacando sua negatividade radical, a possibilidade de benefícios cruéis e as faces estruturantes e alienantes desse processo.

Isso tem implicações para a compreensão da influência da transmissão no psiquismo humano (Kaes, 2001; Bion, 1994). Nesse contexto, surge a indagação sobre qual estranho é esse que reside nos sujeitos brancos, sujeitos da branquitude, o que se nega e o que se transmite? Esse estranho pode se referir a aspectos desconhecidos de nossa identidade ou traços culturais que rejeitamos, mas que, de alguma forma, exercem influência em nossa psique e comportamento.

A reflexão sobre essa questão é fundamental para compreender como a transmissão psíquica pode contribuir para a perpetuação de padrões e comportamentos alienantes na sociedade. A hipótese previamente apresentada por Kaes (2001), de que a transmissão transgeracional possui uma dimensão negativa caracterizada por "formas de negação utilizadas para lidar com as experiências traumáticas" (Santos; Ghazzi, 2012, p. 642), é confirmada.

Segundo Kilomba (2019), na branquitude, o que é negado e transmitido através da negação seguida de projeção são mecanismos de defesa atuantes nos quais o eu/ego, também chamado de self pela autora, busca constantemente se proteger contra qualquer forma de aniquilação ou desestabilização que ocorre quando confrontado com a diferença do outro. A autora explora os mecanismos de defesa do ego que as pessoas brancas atravessam para se tornarem conscientes de sua própria branquitude e do racismo que perpetuam, detalhando essa dinâmica.

A negação, sendo a primeira etapa, consiste em uma "recusa em aceitar os aspectos desagradáveis da realidade externa, bem como dos sentimentos e pensamentos internos"

(Kilomba, 2019, p. 43). Posteriormente, surgem as defesas de cisão do eu e a projeção desses aspectos em direção ao outro.

Após esses mecanismos, segue a culpa, a qual é descrita como um estado em que "o indivíduo experimenta o conflito de ter feito algo que acredita que não deveria ter feito, ou, ao contrário, de não ter feito algo que acredita que deveria ter feito" (Kilomba, 2019, p. 44). Nesse caso, a culpa surge como uma preocupação com as possíveis consequências para o próprio sujeito. Para a autora, a culpa se constrói a partir de um ato já cometido, como o racismo, e desencadeia duas respostas decorrentes: a racionalização, na qual o sujeito tenta se justificar por meio de uma lógica, e a negação, que se manifesta quando o sujeito expressa a ideia de que "para mim não há negros/as ou brancos/as, somos todos humanos" (Kilomba, 2019, p. 45).

Com a análise de Kilomba (2019), podemos confirmar que a subjetivação da branquitude é sustentada por vários mecanismos de defesa que a alienam de seu papel opressor.

Oliver (2004), em consonância com Frantz Fanon, argumenta que a alienação, supostamente inerente a todos, não se manifesta da mesma forma, ocorrendo de maneira dupla para os sujeitos colonizados não brancos, que são inseridos em um mundo de significados já estabelecidos pela branquitude. Além disso, Oliver (2004, p. 23) destaca que o "privilegio de nós, pessoas brancas da autonomia e da criação criativa de significados foi obtido às custas daqueles considerados inferiores, incapazes de produzir significados."

Reis (2019) nos convida a refletir sobre como o trauma não pode ser limitado apenas à história pessoal, pois está enraizado em um contexto social e cultural, tornando possível sua transmissão de geração em geração. Essa transmissão do trauma não ocorre exclusivamente por meio da comunicação verbal; ela se manifesta através de outras formas, como expressões corporais, hábitos e modos de existência.

O que se transmite é algo que não possui memória consciente, mas sim sensações inconscientes que não foram reprimidas, sem qualquer processo psíquico ativo, como o ato de pensar. Dessa

forma, a memória incorporada no corpo, expressa por gestos, modos de agir e até mesmo de ser, é transmitida de uma geração para outra através de caminhos obscuros, de inconsciente a inconsciente, por meio de pequenos fragmentos, sinais aparentemente insignificantes para a consciência, mas que atingem o seu propósito com precisão através da comunicação inicial (Reis, 2019).

Após a análise, confirmamos uma outra hipótese significativa: os elementos inconscientes transmitidos na branquitude contêm conteúdos não representáveis, que são assimilados pelos seus descendentes. Um ponto crucial discutido por Reis (2019) é que não é necessário que uma família seja explicitamente racista, pois esses elementos inconscientes permeiam toda a estrutura social da branquitude. Em outras palavras, a transmissão que estamos abordando não ocorre no âmbito consciente e discursivo.

Segundo Kaes (2014), as alianças intersubjetivas presentes em grupos e famílias que se fundamentam na exclusão e na rejeição são consideradas alianças alienantes, diferentemente das alianças de recalque. Nesse contexto, o que é transmitido de forma transgeracional, sem alterações no presente, são aspectos inconscientes alienantes, ou seja, elementos β , que representam a dimensão negativa da transmissão. Na branquitude, não são identificados elementos α , que seriam conteúdos pré-elaborados pelas gerações anteriores e que nos foram transmitidos como um material intergeracional, sujeito a mudanças, transformações e questionamentos. A autora classifica esses elementos β em dois tipos distintos que podem ser emitidos: os eróticos, associados aos núcleos neuróticos dos indivíduos, e os tanáticos, relacionados aos núcleos não-neuróticos que abordam questões narcísicas. Ambos esses elementos permanecem no inconsciente; a diferença reside na defesa que eles acionam. Nos casos dos núcleos neuróticos, a defesa principal é o recalque, enquanto nos núcleos não-neuróticos, é a clivagem, a rejeição ou a forclusão.

A concepção de Minerbo (2019) sobre núcleos neuróticos e não-neuróticos está alinhada com a perspectiva de Bion (1994), que propôs que todos nós possuímos componentes psicóticos e não psicóticos. Assim, essa categorização não se relaciona com a estruturação tradicional da psicanálise, que classifica o psiquismo em neurose, psicose e perversão como estruturas fixas. Logo, é afirmado que, mesmo nos indivíduos predominantemente neuróticos, psicóticos ou perversos em sua manifestação, coexistem elementos de todas as três estruturas. Cada um desses elementos pode ser ativado ou não, dependendo das experiências vividas pelos sujeitos. Essa concepção contribui para sustentar que os aspectos inconscientes da branquitude estão presentes tanto na parte psicótica (não-neurótica) quanto na parte perversa dos indivíduos.

Foi denominado de "aliança inconsciente" a configuração psicológica compartilhada entre indivíduos unidos por um vínculo, com o propósito de fortalecer e estabelecer em cada um deles os investimentos narcísicos e objetivos necessários. Esta formação emerge como resultado das influências do recalque, da negação, da rejeição e da desautorização, constituindo os processos, funções e estruturas psíquicas essenciais. A aliança é construída de tal maneira que o vínculo adquire uma significância psicológica crucial para cada participante. O conjunto coeso (seja um grupo, família ou casal) extrai sua realidade psicológica das alianças, acordos e pactos forjados entre os envolvidos, sendo a manutenção destes compromissos ditada pelo papel ocupado por cada indivíduo no coletivo (Kaes, 2014)

Neste contexto, o conceito de "contrato narcísico" abarca a realidade de que o investimento narcísico, presente em cada indivíduo para concretizar seus objetivos pessoais, somente se mantém de maneira genuína quando a corrente da qual o sujeito é um elo fundamental o nutre com um investimento narcísico, reconhecendo-o como portador da continuidade do conjunto. Dessa forma, os pais, no início, projetam seus "anseios de desejos não realizados" na criança, estabelecendo assim a base do seu próprio valor narcísico. Além disso, é por intermédio deles

que o desejo das gerações anteriores molda, positiva ou negativamente, a chegada do indivíduo ao mundo e a consolidação do seu enraizamento narcísico (Freud, 1914).

A psicanálise incorporou o conceito de trauma da medicina e, ao longo do tempo, lhe atribuiu significados evolutivos. Embora Ferenczi sempre tenha explorado os impactos traumáticos do ambiente no crescimento infantil, foi especialmente em suas obras finais que direcionou sua atenção para os traumas nas relações iniciais entre adultos e crianças. Em textos como "A adaptação da família à criança" (1928) e "A criança mal-acolhida e sua pulsão de morte" (1929), ele examinou a qualidade do acolhimento oferecido pela família no nascimento da criança. Nesse contexto, ele estabeleceu um paralelo com os estágios iniciais do desenvolvimento embriológico, comparando como um simples pequeno ferimento, como uma picada de alfinete, pode prejudicar a formação de uma parte inteira do corpo. Um recebimento inadequado no nascimento pode ter efeitos análogos a essa picada, gerando transformações em sua constituição que se manifestarão tanto psicologicamente quanto fisicamente, como inclinações inconscientes para autodestruição (Ferenczi, 1928).

O trauma se manifesta predominantemente como um fenômeno coletivo, em oposição à natureza individual, uma vez que se enraíza em uma sucessão de ideias que permeiam e fundamentam comportamentos prejudiciais. Tais ideias incluem a crença na superioridade do adulto sobre a criança, do dominante sobre o dominado, do regime totalitário sobre os cidadãos e de um grupo étnico sobre outro (Reis, 2019).

É notável que, a transferência de características marcantes - aquelas memórias inconscientes que se revelam tanto por meio de ações e sensações corporais quanto por preferências e aversões - ocorre de maneira que ultrapassa o domínio da linguagem verbal. Ele sugere que essa transferência é conduzida por uma forma alternativa de comunicação. Esta questão não se restringe apenas à transmissão das vivências individuais, mas se estende às tradições e

peculiaridades de uma comunidade. Em outras palavras, trata-se da propagação de inclinações e conteúdos psicológicos ao longo da história coletiva (Freud, 1937/1986).

O impacto do racismo não se limita apenas às estruturas acadêmicas, políticas e econômicas; ele também deixa sua marca no inconsciente de cada indivíduo. Nesse contexto, o termo "inconsciente" refere-se às impressões deixadas por experiências que se refletem em nossa maneira de ser, sentir, perceber e interagir com o mundo. Esse inconsciente é moldado pela interseção de experiências pessoais, institucionais, interpessoais e uma série de outros fatores que convergem na sua formação. Um desses fatores significativos é a dimensão racial (Veiga, 2022).

A noção de branquitude representa uma construção ideológica em que os indivíduos brancos percebem e categorizam aqueles que não são brancos com base em sua própria perspectiva. Isso acarreta benefícios tangíveis e simbólicos para os brancos em detrimento dos não brancos. Esses benefícios derivam de uma distribuição desigual de poder nos âmbitos político, econômico e social (Silva, 2017).

PROCESSOS PSÍQUICOS DO RACISMO**Mulheres negras e brasileiras em Portugal.****Pâmela Almeida Barcelos Ruiz**Instituto Piaget, Almada, pamela.a.bruiz@gmail.com**RESUMO**

Este estudo se concentra na análise da complexidade do racismo através de uma lente psicanalítica, examinando suas raízes históricas e persistentes que transcendem as épocas. Além disso, explora como o racismo vai além de atitudes negativas, envolvendo relações de dominação e a atribuição de inferioridade a grupos racializados. A interseção entre racismo, gênero e psicanálise lança luz sobre as complexas dinâmicas que moldam a subjetividade das mulheres negras, cujas vozes muitas vezes foram negligenciadas. Além disso, o estudo aborda a transgeracionalidade do racismo, que permeia o inconsciente coletivo e individual, influenciando a psique ao longo das gerações. O estudo busca compreender como as formas de racismo afetam os processos psíquicos das mulheres negras e imigrantes em Portugal, contribuindo para um entendimento mais profundo das interseções entre a psicanálise e o racismo. Este estudo tem implicações tanto para a prática clínica quanto para a promoção da saúde mental em uma sociedade cada vez mais diversificada e multicultural.

Palavras-chave: racismo, psicanálise, mulher negra, migração, processos psíquicos.

ABSTRACT

This study focuses on the analysis of the complexity of racism through a psychoanalytic lens, examining its historical and persistent roots that transcend eras. Furthermore, it explores how racism goes beyond negative attitudes, involving power dynamics and the ascription of inferiority to racialized groups. The intersection of racism, gender, and psychoanalysis sheds light on the intricate dynamics shaping the subjectivity of Black women, whose voices have often been overlooked. Additionally, the study addresses the transgenerational nature of racism, which permeates both the collective and individual unconscious, influencing the psyche across generations. The study seeks to understand how various forms of racism impact the psychological processes of Black and immigrant women in Portugal, contributing to a deeper understanding of the intersections between psychoanalysis and racism. This study has implications for both clinical practice and the promotion of mental health in an increasingly diverse and multicultural society.

Keywords: racism, psychoanalysis, black women, migration, psychic processes.

Introdução

A compreensão do racismo pela psicanálise, como um fenômeno complexo e persistente tem sido explorada por diversos autores ao longo dos anos. Moore (2007) destaca que o racismo transcende a história da colonização e escravidão, apresentando evidências de sua presença desde tempos remotos. Vala (2021) ressalta que o racismo vai além de atitudes negativas, envolvendo relações de dominação e a atribuição de inferioridade a certos grupos. Fanon (2020) discute a experiência do negro em um mundo dominado pela cultura branca, enquanto Freud (2013) explora a projeção e a sensação de estranheza em relação ao outro. A importância das alianças inconscientes na formação do sujeito é destacada por Kaës (2011). Essas perspectivas revelam a complexidade do racismo e apontam para a necessidade de aprofundar o conhecimento e enfrentar essas questões tanto em Portugal quanto na diáspora negra. Além disso, Kilomba (2020) enfatiza a negação e a projeção como mecanismos presentes no racismo, nos quais a branquitude se vê como moralmente superior, projetando aspectos indesejados em grupos racializados. A autora ressalta a necessidade de reconhecer e enfrentar essas projeções, que perpetuam a estigmatização do outro racial. Kilomba (2020) destaca ainda a falta de importância dada ao tema do racismo por um longo período, evidenciando a necessidade de ampliar o conhecimento e promover uma abordagem mais abrangente e inclusiva para lidar com as questões raciais em Portugal e além.

Conforme destacado por Santos (1983), ao considerarmos o Ideal do Ego e sua relação com a identidade, percebemos que em uma sociedade multirracial, ainda marcada pela hegemonia branca, a busca por uma identidade autêntica se torna um desafio complexo, especialmente para indivíduos negros.

A interseção entre racismo, gênero e psicanálise lança luz sobre as complexas dinâmicas que moldam a subjetividade das mulheres negras. Essas discussões levantam questões profundas

sobre como a opressão racial e de gênero se entrelaça, criando uma experiência única para as mulheres negras, cujas vozes frequentemente foram negligenciadas ou silenciadas. (de Silva, 2020; Birman, 2017; Hooks, 2019; Souza, 2021; Nascimento, 2008).

A transgeracionalidade do racismo é um fenômeno intrincado que permeia o inconsciente coletivo e individual, influenciando a psique ao longo das gerações. Conforme destacado por Kaes (2014), o inconsciente de um sujeito não se limita a sua experiência individual, mas é moldado por uma rede complexa de influências que abrange tanto o indivíduo quanto as interações sociais. Freud (1912/1986) já explorava a transmissão transgeracional de experiências coletivas, questionando como as vivências acumuladas eram incorporadas ao inconsciente.

Portugal passou por profundas transformações sociais ao longo do século XX e início do século XXI, com a emergência de uma sociedade multicultural e o aumento da imigração, apesar de enfrentar desafios relacionados ao racismo, com impactos significativos nas minorias raciais (Marques, 2020; Araújo, 2007; Kilomba, 2020). É essencial compreender o atual panorama do racismo em Portugal e suas implicações na sociedade e na identidade nacional (Vala, Brito e Lopes, 2015; CICDR, 2022).

O estudo emerge como um tópico de relevante e complexo, que merece um lugar de questionamentos e reflexões para a pesquisa acadêmica e clínica. Este estudo oferece uma perspectiva para compreender os processos psíquicos subjacentes ao racismo, especialmente no que diz respeito às experiências das mulheres negras e imigrantes, e amplia nosso entendimento das interações entre fatores culturais, sociais e psicológicos. Além disso, reconhece a importância da abordagem interseccional, considerando não apenas o impacto do racismo, mas também como ele se entrelaça com outras formas de opressão, como o sexismo.

O principal objetivo deste estudo é compreender como as formas de racismo atuam nos processos psíquicos das mulheres negras e imigrantes em Portugal.

Este estudo utilizou o método qualitativo psicanaliticamente informado, que consiste em uma abordagem particular na qual se destaca a importância dos afetos, dos conflitos dinâmicos e dos processos inconscientes intersubjetivos na compreensão dos indivíduos (Roberto et al, 2021) e tem como questões de investigação: Como as experiências vividas por mulheres negras em Portugal influenciam seus processos psíquicos?; Como é constituída a identidade da mulher negra?; De que maneira o racismo é transmitido de forma transgeracional?

Revisão bibliográfica

Introjeção do racismo

A busca por uma identidade autêntica em uma sociedade multirracial dominada pela hegemonia branca é complexa para o indivíduo negro, influenciado pelo Ideal do Ego. Segundo Santos (1983), o Ideal do Ego é um modelo fundamental para o desenvolvimento individual, buscando resgatar o narcisismo original perdido, mesmo que seja mediado pela idealização dos pais, figuras substitutas e ideais coletivos. Essa instância difere do Ego Ideal, que é regido pela onipotência e caracterizado por idealizações fantasiosas, enquanto o Ideal do Ego pertence ao domínio simbólico, promovendo articulação e vínculo na formação da identidade.

A influência significativa de outros na formação de ideais e modelos a serem seguidos complica a busca pela autonomia e identidade individual. Os membros de um grupo tendem a adotar um Ideal do Ego compartilhado, fortalecendo os laços e unindo o grupo. Esse ideal é a estrutura que liga a normatividade libidinal à cultura e se torna uma exigência imposta pelo Superego ao Ego (Hinshelwood, 2007).

O narcisismo negativo é uma patologia que se caracteriza pela destrutividade e estabelece uma hegemonia onipotente de atitudes, crenças e ações desumanas. Nesse contexto, o objeto bom é odiado, inclusive quando é fonte de satisfação, devido ao fato de buscar a vida e se conectar com o indivíduo quando necessário (Segal, 1993; Riesenber-Malcolm, 1999, conforme citado em Hinshelwood, 2007).

Na vida mental de um indivíduo, outra pessoa está sempre presente, seja como objeto, auxiliar ou oponente (Freud, 2013). Ferenczi e Moraes (2003) sugerem que a personalidade em desenvolvimento reage ao abuso emocional não através da defesa direta, mas sim por meio da identificação ansiosa e da introjeção dos sentimentos e comportamentos do agressor, em vez de confrontá-lo diretamente. Ferenczi e Moraes (2003) referem-se às ideias de Freud sobre o estágio de identificação precedendo a capacidade de amar um objeto.

No contexto da pessoa negra, a construção da imagem de si mesma, influenciada pelo ideal de brancura, diverge consideravelmente da realidade do seu corpo e, muitas vezes, é negada por ele. Esse processo gera angústia, confusão entre o real e o imaginário, resultando na internalização de agressividade, autorejeição e, em última instância, podendo levar à despersonalização, tornando o indivíduo um autômato submisso aos desejos alheios (de Jesus, 2020).

A luta do negro em uma sociedade multirracial racista e dominada pela hegemonia branca é dupla: ele busca desconstruir o Ideal do Ego imposto, buscando uma identidade autêntica, ao mesmo tempo em que confronta as estruturas racistas e classistas que o oprimem. Essa luta é árdua, mas essencial para encontrar espaço para a verdadeira expressão e libertar-se do sistema opressor (Santos, 1983).

O ego pode se dividir ao longo da linha de falha entre sentimentos bons e maus, gerando um conflito interno mais amplo do que apenas desejos. Isso dá origem a um "eu negativo" que, de forma onipotente, domina os aspectos do "eu" que poderiam melhorar a vida da pessoa. Os aspectos negativos são percebidos como estranhos, resultando em um ego ego-distônico. Essa concepção se assemelha à ideia freudiana de um "grau" no ego que forma o superego, mas é extremamente severa, perigosa e insuportável (Hinshelwood, 2007).

Na obra de Klein, conceitos inter-relacionados, como a fantasia, são cruciais para compreender o racismo e o ódio. A fantasia representa psiquicamente os instintos, modificados por

sentimentos e emoções, antes de serem projetados em objetos reais e imaginários (Clarke e Clarke, 2003). A fantasia na obra de Klein está relacionada à ideia de cisão, na qual o medo infantil é expresso por meio de fantasias de perseguição, dividindo o mundo em objetos bons e maus. O bom é internalizado e idealizado, enquanto o mau é projetado em algo externo, criando uma divisão que busca estabelecer ordem a partir do caos e resulta em uma distinção forte entre "nós" e "eles", "bom" e "mau" (Clarke e Clarke, 2003).

Transgeracionalidade do racismo

"O inconsciente de um indivíduo é influenciado por elementos de outros indivíduos e se manifesta em múltiplos espaços psíquicos e formas de linguagem, tanto no indivíduo como nas interações sociais" (Kaes, 2014).

Em "Totem e Tabu," Freud aborda a transmissão transgeracional de experiências coletivas, destacando a importância da passagem das experiências acumuladas de uma geração para a seguinte, evitando que cada nova geração comece do zero. Ele questiona como percebemos e absorvemos o conhecimento ancestral e explora os meios de transmissão. Mesmo com um processo de recalque eficaz, resquícios das experiências passadas persistem (Freud, 1912/1986).

Abraham descreve o "fantasma" como uma formação do inconsciente que resulta da transmissão intrusiva do inconsciente de um dos pais para o inconsciente do filho. Esse "fantasma" carrega a representação da ferida narcísica ou catástrofe vivida pelos pais, e está intimamente ligado à pulsão de morte postulada por Freud em sua segunda teoria das pulsões (Correa, 2003).

Kaes (2001) destaca que Freud deixou um legado ao abordar a transmissão psíquica, destacando a importância tanto da dimensão intersubjetiva nas relações entre sujeitos quanto da dimensão intrapsíquica relacionada à relação do sujeito consigo mesmo. Isso inclui

conceitos como o "Id hereditário," o "Ego derivado do Id," e o "Superego herdeiro do complexo de Édipo" e dos "Superegos parentais." Ambas dimensões sublinham a importância da herança e da transmissão geracional no desenvolvimento psíquico e nas interações humanas.

A exploração de transmissão de elementos inconscientes, destacando sua negatividade radical, possíveis benefícios cruéis e as faces estruturantes e alienantes desse processo, com implicações para o psiquismo humano é realizada por Bion (1994) e Kaes (2001). Isso levanta a questão sobre o "estranho" presente nos sujeitos brancos, referindo-se a aspectos desconhecidos de identidade ou traços culturais rejeitados, mas que influenciam a psique e o comportamento. Essa reflexão é crucial para entender como a transmissão psíquica contribui para a perpetuação de padrões alienantes na sociedade, confirmando a hipótese de que a transmissão transgeracional envolve formas de negação para lidar com experiências traumáticas (Santos; Ghazzi, 2012).

Kilomba (2019) explora os mecanismos de defesa presentes na branquitude, onde a negação é a primeira etapa, envolvendo a recusa em aceitar aspectos desagradáveis da realidade externa, bem como dos sentimentos e pensamentos internos. Posteriormente, surgem as defesas de cisão do eu e a projeção desses aspectos no outro. A culpa é outro estágio, caracterizado pelo conflito de ter cometido algo que o sujeito acredita não deveria ter feito, ou o contrário, e a preocupação com as possíveis consequências para si mesmo. A culpa desencadeia respostas de racionalização, onde o sujeito tenta se justificar logicamente, e negação, quando o sujeito afirma que "somos todos humanos" para evitar a questão racial (Kilomba, 2019).

Reis (2019) enfatiza que o trauma transcende a história pessoal e está enraizado em um contexto social e cultural, sendo passível de transmissão geracional. Essa transmissão envolve não apenas comunicação verbal, mas também expressões corporais, hábitos e modos de existência. O que é transmitido são sensações inconscientes sem memória consciente, incorporadas no corpo e expressas por gestos, comportamentos e modos de ser. Essa

comunicação inconsciente ocorre de forma obscura, de inconsciente para inconsciente, por meio de fragmentos e sinais aparentemente insignificantes para a consciência. Além disso, os elementos inconscientes transmitidos na branquitude não necessariamente exigem que uma família seja explicitamente racista, pois permeiam toda a estrutura social da branquitude, ocorrendo no âmbito não consciente e discursivo.

O impacto do racismo não se limita apenas às estruturas acadêmicas, políticas e econômicas; ele também deixa sua marca no inconsciente de cada indivíduo. Nesse contexto, o termo "inconsciente" refere-se às impressões deixadas por experiências que se refletem em nossa maneira de ser, sentir, perceber e interagir com o mundo. Essa figura do branco representa simbolicamente o poder, exercendo uma influência significativa nas interações entre os europeus brancos e as populações não-brancas da África, América e Ásia. Essa representação do branco conduziu ao domínio dos povos não-brancos pelos brancos, estabelecendo relações de subordinação (Veiga, 2022).

Granjon (2000) explora a necessidade intrínseca de transmitir ao longo das gerações segredos, faltas, transgressões e delitos, acompanhados da carga de culpa e vergonha. Tais elementos são "mantidos silenciosos," transformados em "vestígios insensatos"

Método

De acordo com Roberto et al. (2021), na psicanálise, a concepção de significados latentes implica uma abordagem particular na qual se destaca a importância dos afetos, dos conflitos dinâmicos e dos processos inconscientes intersubjetivos na compreensão dos indivíduos.

Com isso, o presente estudo utilizou a metodologia qualitativa psicanaliticamente informada, que, segundo Roberto et al. (2021) é uma abordagem metodológica que possibilita a descoberta do inesperado, do imprevisível e do novo, tanto durante a realização das entrevistas quanto durante os procedimentos de análise e compreensão conduzidos pelo grupo de pesquisadores.

Diferentemente de uma abordagem puramente lógica, essa metodologia abre caminho para a exploração das dimensões subjetivas inconscientes dos participantes. A pesquisa se desloca do campo de significados mais superficiais, literais e evidentes para um campo de significação de natureza inconsciente e, portanto, latente e velado.

Participantes

O grupo entrevistado consistia em quatro mulheres brasileiras com idades variando entre 32 e 38 anos, todas residindo em Portugal por mais de um ano. Quanto ao nível de escolaridade, duas delas haviam concluído o ensino secundário, enquanto as outras duas possuíam formação superior completa. Do grupo, duas estavam empregadas, uma empreendedora, outra estava estudando. Três delas eram mães, sendo que duas estavam casadas e duas eram divorciadas.

Instrumentos

Foram elaborados um guião de entrevista, que orientaram os grupos focais, abrangendo perguntas abertas para explorar as experiências, expectativas, desafios e percepções das participantes em relação à suas histórias de vida, bem como suas vivências relacionadas à discriminação e ao racismo. Além disso, foram recolhidas informações socio-demográficas para coletar informações básicas das participantes, como idade, gênero, país de origem e tempo de residência em Portugal, entre outras. Adicionalmente, obteve-se o consentimento informado, um documento através do qual as participantes concordaram voluntariamente em participar da pesquisa, compreendendo os objetivos, procedimentos, possíveis riscos e benefícios envolvidos.

Procedimento

As participantes foram selecionadas de forma conveniente através de uma conhecida da

entrevistadora, que convidou mulheres que correspondiam ao perfil desejado. A entrevista ocorreu em uma sala designada pelas participantes para esse efeito, dentro de um salão de cabeleireira especializado em cabelos afros e cacheados, fora do horário comercial, quando o salão não estava em funcionamento.

As gravações do grupo focal foram transcritas e organizadas sistematicamente, com garantia da confidencialidade das participantes por meio da utilização de códigos ou identificadores.

A análise dos dados transcritos do grupo focal foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, psicanaliticamente informada. Isso permitiu a compreensão das experiências e vivências das participantes, bem como dos processos inconscientes relacionados ao racismo e à discriminação.

Análise dos dados

A análise das entrevistas foi realizada com recurso a um grupo de investigadoras com formação e experiência em psicanálise.

A análise interpretativa das entrevistas e anotações ocorreu em três etapas distintas. No primeiro estágio, a entrevistadora leu a transcrição da entrevista, adotando uma postura de escuta com atenção flutuante, caracterizada por abertura, expectativa vazia e insaturação. Durante esse processo, as impressões e hipóteses interpretativas foram emergindo através de associações livres. Em seguida, os apontamentos da entrevistadora foram lidos e confrontados de maneira livre e não sistemática. Todas as observações resultantes dessa associação livre, durante a audição do material (entrevista e apontamentos), foram registradas pela entrevistadora do grupo, constituindo o primeiro nível de análise.

No segundo estágio, as notas do primeiro nível de análise foram revisadas pela pessoa que as registou, levando a um novo conjunto de associações, também devidamente documentadas, constituindo o segundo nível de análise.

No terceiro estágio, realizou-se uma análise sistemática das notas dos primeiros e segundos níveis de análise de todas as entrevistas, com o objetivo de identificar os principais temas transversais que se destacaram.

Na psicanálise, a cadeia associativa pode ser compreendida como a livre fluidez dos eventos envolvendo o que é expresso e o que permanece não dito (Kaës, 1994). No contexto de um espaço grupal, essa dinâmica se torna mais complexa, uma vez que o fluxo de associações emerge de uma polifonia de vozes, formando uma trama discursiva que pode ser mais precisamente descrita como uma interdiscursividade. Isso implica que não estamos lidando apenas com uma sucessão de significantes, mas sim com um amplo e diversificado conjunto semiótico, no qual se entrelaçam palavras, olhares, posicionamentos espaciais, expressões faciais e gestos. Essa cadeia associativa é influenciada tanto pela singularidade de cada sujeito como pelos processos psíquicos grupais, que envolvem transferências interativas e alianças inconscientes (Kaës, 1994).

É relevante reconhecer os desafios inerentes à criação de um texto didático abordando a técnica de análise de grupos, uma vez que isso envolve destacar aspectos como transferência, processos associativos, habilidades de escuta e interpretação. É importante recordar, conforme apontado por Kaës (2015), que quatro elementos fundamentais constituem as bases de uma situação psicanalítica em grupo: a estruturação do contexto; a formulação da regra fundamental e da abstinência; o surgimento de um campo transferencial/contratransferencial; e a posição e função do analista. No contexto do espaço analítico voltado para abordagens plurissubjetivas, ou seja, o grupo, a atenção se direciona ao papel e à função dos analistas.

No que tange ao conceito de transferência, embora existam variações entre as diferentes teorias psicanalíticas, compreende-se a transferência como o resultado da dinâmica da situação psicanalítica e das emoções específicas que são convocadas nesse contexto. Freud já havia destacado a natureza paradoxal da transferência, pois ela atua tanto como impulsionadora do

processo analítico quanto como um obstáculo à análise, devido à sua associação com a resistência. Em outras palavras, a transferência está relacionada aos mecanismos de defesa que são desenvolvidos para evitar o reconhecimento dos efeitos do inconsciente. Essa qualidade paradoxal é, de fato, o que justifica a análise da transferência em um contexto de grupo, já que resistência e transferência são duas facetas de um mesmo processo. A transferência não se limita à mera repetição de conflitos inconscientes; pelo contrário, ela está profundamente enraizada no âmbito da intersubjetividade e desempenha um papel essencial na criação das vias através das quais essa repetição pode ser superada (Kaës, 2015).

Compreender a manifestação da transferência em contextos grupais exige considerar a coexistência e a diversidade de suas expressões. O que se transmite é a ligação dos objetos que se tornaram inconscientes: "o grupo se apresenta como um cenário especialmente propício para receber essas interconexões de transferências simultâneas e sequenciais" (Kaës, 1993, p. 177). De acordo com Kaës (1993), um dos conceitos centrais que merece análise no contexto da transferência em grupos é a noção de difração. A difração de um objeto interno através de diferentes indivíduos, do terapeuta ou mesmo do próprio grupo, "representa o padrão habitual e particularmente fecundo do processo psíquico que ocorre em grupos" (Kaës, 1993, p. 178). Isso se configura como uma distribuição eficiente das cargas pulsionais associadas a esses objetos.

Análise e Discussão Teórica dos Resultados

Processo de Identificação da mulher negra

Um dos núcleos temáticos identificados durante os processos de análise sob uma perspectiva psicanalítica, foi em relação ao processo de identificação da mulher negra.

De acordo com Freud (2013), o Eu se desenvolve e se diferencia por meio de identificações. Esses processos psicológicos envolvem a assimilação e transformação de aspectos,

propriedades ou atributos do outro de acordo com seu modelo. A identificação, portanto, é descrita como uma expressão inicial de um vínculo emocional com outra pessoa.

A capacidade de se expressar e compreender a própria realidade é essencial para alcançar a autonomia, mas a influência de modelos brancos impostos sobre a identidade do indivíduo negro gera conflitos internos, levando a implicações psicológicas, como o narcisismo negativo e autodestrutividade. O racismo e a opressão desempenham um papel crucial nesse processo, impactando a busca do indivíduo negro por sua identidade autêntica (Santos, 1983).

Verifica-se esses aspectos, quando a participante A, compartilha com o grupo:

“(...) quando criança, eu me achava inferior ao ser humano, e eu sentia isso pelo fato de ser preta, eu sentia isso por ser escolhida a menina mais feia da sala, por ser a única negra na escola, por ter amigo secreto na escola, e ganhar pente de pegar piolho porque é preta, porque ter cabelo crespo é achar que o cabelo é sujo, (...) e eu me sentia inferior ao ser humano. Então fui me descobrir, claro, sei que a minha cor era diferente, mas quantas e quantas vezes eu chegava em casa chorando e falava ‘mãe eu quero ser branca e ter cabelo liso por quê?’ Porque as pessoas não vão ficar achando que eu sou menos, que sou inferior, eu lembro que eu tomava banho e esfregava, esfregava (...)”

O narcisismo negativo é uma patologia que envolve a destrutividade e a onipotência de atitudes desumanas, onde até mesmo o objeto bom é odiado por buscar a vida e se conectar ao indivíduo quando necessário (Segal, 1993; Riesenber-Malcolm, 1999, conforme citado em Hinshelwood, 2007). Na vida mental de um indivíduo, outra pessoa está sempre presente, seja como objeto, auxiliar ou oponente (Freud, 2013).

Fanon (2020) argumenta que, em um mundo dominado pela cultura branca, a descoberta e o conhecimento do próprio corpo por parte de pessoas de cor são processos de negação, devido às diferenças entre a representação idealizada do corpo branco e a real aparência do corpo não branco. Essa incompatibilidade gera uma atmosfera constante de dúvida e incerteza.

Segundo Santos (1983), o Ideal do Ego é um modelo fundamental para o desenvolvimento individual, buscando resgatar o narcisismo original perdido, mesmo que seja mediado pela idealização dos pais, figuras substitutas e ideais coletivos. Essa instância difere do Ego Ideal, que é regido pela onipotência e caracterizado por idealizações fantasiosas, enquanto o Ideal do Ego pertence ao domínio simbólico, promovendo articulação e vínculo na formação da identidade.

As entrevistadas relatam sobre o processo de se descobrirem mulheres negras:

D: *“Vou ser bem sincera, porque essa questão enquanto a raça é uma coisa mais recente na minha vida, porque eu digo isso? Não porque eu não sabia, porque não sabia que eu era negra, eu sempre me vi como uma mulher negra, mas, eu por ter uma pele um pouco mais clara, passei um pouco menos de preconceito do que algumas pessoas que têm a pele escura. Antigamente eu usava o cabelo mais liso e infelizmente algumas pessoas não identificam uma mulher clara como uma mulher negra, isso acontece muito também.”*

Os membros de um grupo tendem a adotar um Ideal do Ego compartilhado, fortalecendo os laços e unindo o grupo. Esse ideal é a estrutura que liga a normatividade libidinal à cultura e se torna uma exigência imposta pelo Superego ao Ego (Hinshelwood, 2007).

A tranquilidade e harmonia interna do indivíduo dependem da proximidade entre o Ego atual e o Ideal do Ego. Sentimento de triunfo é sentido quando coincidem, enquanto culpa e inferioridade surgem na tensão entre essas instâncias (Santos, 1983).

A: *“(...) é, eu volto lá na minha infância, o padrão que a sociedade impõe, eu com 4 anos de idade, fui obrigada pela minha mãe e pelas minhas tias a alisar meu cabelo. Porque, pronto, vamos tirar o volume, é muito cheio (...)”*

Pode-se observar que esse é um processo que envolve intensas angústias e questões relacionadas à experiência de ser uma mulher negra em uma sociedade racista.

Em resposta a várias das perguntas feitas durante a entrevista, esse tema se tornou bastante proeminente. A participante M compartilhou o seguinte:

“E ali eu fui obrigada a alisar meu cabelo, cresci naquele padrão ali a pensar que tinha que ter cabelo liso, quando eu vim me dar conta disso eu já era uma mulher de 28 anos de idade, foi quando eu decidi tirar a química, me desfazer da química.”

A participante A acrescenta: *“Minha mãe tem muitas questões a resolver na vida dela e, pelo fato de ela não ter resolvido, ela transmitiu tudo isso pra mim. Quando criança, alisou meu cabelo aos sete anos, quando fiz o meu big chop (processo de transição capilar) aos 18, pra ela foi um choque. A partir de então, eu era ‘a revoltada’, e até hoje, a minha mãe, até hoje ela alisou o cabelo dela (...) minha mãe sempre diz: “Ai, dá uma abaixada nesse cabelo, dá uma hidratada, dá não sei o quê (...) Sabe por que é que meu cabelo não abaixa? Porque ele é igual o seu! O seu tem que alisar, por isso ele abaixa, mas o meu cabelo é assim, e o meu cabelo é exatamente igual o seu. (...)Daí, quando ela viu, na chamada de vídeo, ela falou: “então agora você quer ser branca, por isso que você deixou o cabelo branco?”.*

Na sequência a analista B fez o comentário: *“nossa que mãe horrível, bolas. Abaixar o cabelo, virou lésbica? (...) esta mulher deve odiar essa mãe, como é que ela aguenta? E é muito violento o que ela diz, ela não está a falar do cabelo, está a falar da relação com esta mãe”.*

Granjon (2000) explora a necessidade inerente de transmitir segredos, culpas e vergonhas ao longo das gerações, revelando que isso não é uma escolha consciente, mas sim uma revelação do que permanece escondido através de expressões corporais e movimentos. Esses elementos são como "palavras não ditas" que aguardam ser completadas por uma criança herdeira. A transmissão desses segredos e emoções é mais significativa do que o próprio conteúdo do segredo em si. É o ato de transmitir que mantém a presença constante desses segredos e emoções através das gerações.

Silva (2021) explica que a agressão imposta pelo agressor à vítima é incorporada juntamente com um sentimento de culpa, que sobrecarrega a vítima de forma invasiva. A vítima se identifica com esse sentimento de culpa, liberando assim o agressor desse peso real de culpa. Através dessa identificação secundária e da libertação do agressor de sua culpa, a vítima pode passar a ver o agressor como um objeto parcial positivo e amado, estabelecendo também um senso de pertencimento a um objeto necessário de ligação. Essa relação traumática introjetada gera um ciclo vicioso: uma parte do Superego rejeita essa identificação, enquanto a outra a aceita. A parte que rejeita condena o Eu por sua cumplicidade com o agressor, resultando em sentimentos de culpa e desvalorização internalizados. Isso, por sua vez, reafirma a culpa e a desvalorização introjetadas. É um problema que, por si só, parece insolúvel. O Eu também se beneficia com essa introjeção do agressor, iludindo-se com o poder de dominação do agressor e, com isso, sentindo-se mais forte e poderoso.

Por meio da dominação violenta, o agressor transfere para a vítima seus próprios sentimentos de culpa, vergonha, inveja, ódio e deficiência funcional do Eu e do Superego (Silva, 2021).

O cabelo é um símbolo marcante do conflito racial experimentado por negros e brancos, uma vez que, de acordo com Kilomba (2020), durante a era da escravidão, ele se tornou uma poderosa representação da servidão - sendo que o alisamento capilar é uma estratégia eficaz para controlar e apagar o que a autora chama de "sinais repulsivos da negritude".

As pessoas negras, em particular as mulheres - que são o foco deste trabalho - têm recorrido a diversos métodos para alisar e "domesticar" seus cabelos. A negação da beleza negra tem raízes profundas que remontam à época da escravidão, e o cabelo, juntamente com a cor da pele, tem sido um dos principais marcadores distintivos da negritude. Nos Estados Unidos durante o período de escravidão, as mulheres negras com cabelos crespos frequentemente eram designadas para o trabalho no campo, enquanto aquelas com cabelos considerados menos crespos e características físicas tidas como mais "brancas" eram frequentemente designadas

para trabalhos domésticos (Robinson, 2001; Lester, 2000, conforme citado por King e Niabaly, 2013).

No caso da pessoa negra, a imagem que ela constrói de si mesma, moldada na relação com os outros e influenciada pelo ideal de brancura, não apenas carece de qualquer semelhança com a realidade de seu próprio corpo, mas também é negada por este último. Esse processo resulta em angústia e confusão entre o que é real e o que é imaginário, levando à internalização de uma agressividade que leva à autorejeição e, em última instância, pode levar a uma despersonalização, transformando o sujeito em um autômato alienado aos desejos dos outros (de Jesus, 2020)

A clivagem e o racismo

As dinâmicas e temas discutidos anteriormente desencadearam uma série de reações de contratransferência tanto na entrevistadora como durante as sessões de análise. Houve momentos em que as analistas sentiram que se desconectaram, ou seja, deixaram de ouvir e tiveram dificuldade em se conectar com o que estava sendo narrado. Posteriormente, percebeu-se que esses momentos coincidiram com as partes da conversa que possivelmente evocaram sentimentos complexos nas entrevistadas, carregando questões relacionadas à violência que haviam vivido, à sexualização e a um possível complexo de castração. Por meio de uma identificação projetiva com as participantes, as analistas do grupo sentiram que o conteúdo emergente estava se tornando demasiado. É possível que esses momentos de desconexão tenham ocorrido como resultado dessas reações emocionais. Alguns dos momentos podem ser exemplificados, como quando a entrevistada B fala:

“E o que acho mais engraçado é que os racistas têm o poder de distorcer a história. Porque assim, eu tenho um salão especialista em cabelos cacheados e crespos. Eu gostaria de saber qual de vocês já foi no salão normal, que a gente tem toda esquina, e perguntou por que não

tinha uma imagem de uma mulher parecida com vocês na parede? Já perguntaram? ‘Senhora, dona do salão, porque é que não tem imagem de uma mulher preta aqui?’ Já perguntaram? E porque é que quando é o meu salão, com imagens de mulheres pretas, eu me torno racista com branco? Está entendendo como até a nossa dor, eles querem abafar? É por isso que sempre que vêm com falas como essas, eu devolvo. Eu falo: ‘Quando você vai lá no salão convencional que você está acostumado, aí você se pergunta por que não tem uma mulher como eu pendurada na parede? Então, não questione o meu salão. Ou então não venha, vai no salão de branco’.

No decorrer da análise, a analista B comentou: *“Estava a associar isso do cabelo, como se interrompesse a associação, talvez por força da, contratransferência, também estávamos desligadas, como estas mulheres (...)”,* logo em seguida a analista C comenta *“Eu estou com dificuldades de ligar”.*

B: *“como se nos déssemos conta disto por este desligamento, e a A fala dessas coisas muito violentas, não integradas, pareceu uma projeção, uma identificação projetiva que é desligada, como se isto estivesse desligado dentro delas. (...)As coisas ficam clivadas, os brancos e pretos, bons e maus, cabelo cacheado, cabelo liso, tudo clivado, nós e os outros. Agora ocorreu-me isso, o agressor e a vítima, Portugal e Brasil”.*

Segundo Kilomba (2019), na branquitude, o que é negado e transmitido através da negação seguida de projeção são mecanismos de defesa atuantes nos quais o eu/ego, também chamado de self pela autora, busca constantemente se proteger contra qualquer forma de aniquilação ou desestabilização que ocorre quando confrontado com a diferença do outro. A autora explora os mecanismos de defesa do ego que as pessoas brancas atravessam para se tornarem conscientes de sua própria branquitude e do racismo que perpetuam, detalhando essa dinâmica.

A negação, sendo a primeira etapa, consiste em uma "recusa em aceitar os aspectos desagradáveis da realidade externa, bem como dos sentimentos e pensamentos internos"

(Kilomba, 2019, p. 43). Posteriormente, surgem as defesas de cisão do eu e a projeção desses aspectos em direção ao outro.

Desejo de aniquilamento: dinâmicas de poder entre colonizador e colonizado.

Um tema proeminente em todos os momentos é a necessidade de estabelecer distinções e abordar a diferença entre as mulheres negras e a pesquisadora, que é de origem branca.

A perspectiva europeia tende a considerar a identidade com base na relação espelhada do igual com o igual, em vez de considerar a ideia de pertencimento mútuo (copertencimento) a um mundo comum. Em outras palavras, a identidade branca frequentemente fica restrita à sua própria perspectiva (Mbembe, 2018). As persistências coloniais em dividir, categorizar, distinguir e hierarquizar deixam cicatrizes profundas: "a divisão criada permanece" (Mbembe, 2018). Ao examinar essa ferida desde o período colonial até a formação dos Estados contemporâneos, chegamos ao conceito de necropolítica e suas implicações psicológicas, devido à lógica perversa que seleciona quem pode ser considerado digno como ser humano ou como sujeito desejante. Nesse contexto, descrevemos a perversão como uma forma de resposta e interação com o outro baseada na destruição e alienação, bem como no desejo de aniquilá-lo (Harris, 2019).

No entanto, a adoção das características tidas como brancas encontra um obstáculo. Os brancos na América do Sul, por exemplo, têm sido historicamente e culturalmente vistos pelas nações imperialistas como não completamente brancos (Nayak, 2007). No contexto brasileiro, a identificação dos brancos com o ideal da branquitude colonial gera uma ferida narcísica profunda: o colonizado, mesmo sendo "branco", nunca poderá ocupar plenamente o lugar do colonizador. Esse dualismo que paira sobre as elites brancas e a burguesia colonial revela uma verdade que foi reprimida socialmente. Em outras palavras, o branco colonizado também é castrado. Isso levanta questões sobre o racismo e suas interseções com a classe social. Como

disse Fanon: "Por ser uma negação sistemática do outro, uma decisão furiosa de negar ao outro qualquer traço de humanidade, o colonialismo força o povo dominado a se perguntar constantemente: 'Quem sou eu de fato?'" (Fanon, 1968, p. 212).

A figura do branco assume um papel simbólico de poder que exerce uma influência significativa nas interações entre os europeus brancos e as populações não-brancas da África, América e Ásia. Essa representação do branco culminou no domínio dos povos não-brancos pelos brancos, estabelecendo relações de subordinação (Veiga, 2022).

A ideia de branquitude é uma construção ideológica na qual os indivíduos brancos percebem e categorizam aqueles que não são brancos com base em sua própria perspectiva. Isso resulta em vantagens tangíveis e simbólicas para os brancos à custa dos não brancos. Essas vantagens decorrem de uma distribuição desigual de poder nos campos político, econômico e social (Silva, 2017).

Esse aspecto ganha destaque durante a análise, especialmente devido à presença de duas analistas brasileiras e uma analista portuguesa, o que ressalta ainda mais essa questão dos aspectos psíquicos da hierarquização e relações de poder entre colonizado e colonizadores. Com isso, a analista A, fez o seguinte comentário:

“(...) existe uma sensação de que as mulheres que falam são muito pequenas, infantis, gerou um certo sentimento de culpa, de não despendar tempo (...) como uma mãe com um bebê (...) mas que talvez nós três, somos mulheres brancas, ocupamos um lugar de privilegiadas, e ao mesmo tempo temos com elas um débito, com o grupo das mulheres”.

Durante alguns momentos no processo de análise, foi identificada a necessidade de estabelecer uma distinção entre duas das analistas brasileiras e a analista portuguesa. A questão de identificar quem era quem, no contexto de colonizador e colonizado, surgiu em alguns momentos. Isso ocorreu após a entrevistada C ter explicado:

“(...) nós temos no topo da pirâmide, estão lá homens brancos, né? Aí assim, eu vou classificar aqui em Portugal pra gente compreender: homens brancos, depois vem mulheres brancas, porque nisso o preto aqui não ganha no machismo, nessa hora o preto, porque no Brasil, único lugar onde o homem preto e o homem branco se igualam é quando o machismo predomina, e aqui não, vem na escala: o branco, o homem, a mulher branca, depois vem os mestiços que no caso os latinos, depois vêm os negros e depois vêm os ciganos. Isso pra mim é muito latente, é muito visível (...)”.

Alianças alienantes

Durante a entrevista e a análise, foi possível identificar a presença de alianças alienantes em certos momentos. Em uma das questões, a entrevistadora experimentou uma intensa sensação de exclusão à medida que as mulheres compartilhavam suas histórias. Essa sensação de exclusão persistiu também durante as análises posteriores.

Segundo Kaes (2014), as alianças intersubjetivas presentes em grupos e famílias que se fundamentam na exclusão e na rejeição são consideradas alianças alienantes, diferentemente das alianças de recalque. Nesse contexto, o que é transmitido de forma transgeracional, sem alterações no presente, são aspectos inconscientes alienantes, ou seja, elementos β , que representam a dimensão negativa da transmissão. Na branquitude, não são identificados elementos α , que seriam conteúdos pré-elaborados pelas gerações anteriores e que nos foram transmitidos como um material intergeracional, sujeito a mudanças, transformações e questionamentos. A autora classifica esses elementos β em dois tipos distintos que podem ser emitidos: os eróticos, associados aos núcleos neuróticos dos indivíduos, e os tanáticos, relacionados aos núcleos não-neuróticos que abordam questões narcísicas. Ambos esses elementos permanecem no inconsciente; a diferença reside na defesa que eles acionam. Nos

casos dos núcleos neuróticos, a defesa principal é o recalque, enquanto nos núcleos não-neuróticos, é a clivagem, a rejeição ou a forclusão.

A concepção de Minerbo (2019) sobre núcleos neuróticos e não-neuróticos está alinhada com a perspectiva de Bion (1994), que propôs que todos nós possuímos componentes psicóticos e não psicóticos. Assim, essa categorização não se relaciona com a estruturação tradicional da psicanálise, que classifica o psiquismo em neurose, psicose e perversão como estruturas fixas. Logo, é afirmado que, mesmo nos indivíduos predominantemente neuróticos, psicóticos ou perversos em sua manifestação, coexistem elementos de todas as três estruturas. Cada um desses elementos pode ser ativado ou não, dependendo das experiências vividas pelos sujeitos. Essa concepção contribui para sustentar que os aspectos inconscientes da branquitude estão presentes tanto na parte psicótica (não-neurótica) quanto na parte perversa dos indivíduos. Nesse contexto, surge a indagação sobre qual estranho é esse que reside nos sujeitos brancos, sujeitos da branquitude, o que se nega e o que se transmite? Esse estranho pode se referir a aspectos desconhecidos de nossa identidade ou traços culturais que rejeitamos, mas que, de alguma forma, exercem influência em nossa psique e comportamento. A reflexão sobre essa questão é fundamental para compreender como a transmissão psíquica pode contribuir para a perpetuação de padrões e comportamentos alienantes na sociedade. A hipótese previamente apresentada por Kaes (2001), de que a transmissão transgeracional possui uma dimensão negativa caracterizada por "formas de negação utilizadas para lidar com as experiências traumáticas" (Santos; Ghazzi, 2012, p. 642), é confirmada.

Durante os momentos da análise, foi comentado:

A analista B perguntou *“O que que seriam os latinos?”* a analista C responde *“os latino americanos, nós, não é A?”* então B diz *“mas os portugueses também são latinos”* e a A comenta *“não são, são europeus”*

E no segundo momento da análise, B acrescenta:

“(...) como se isto tivesse sempre latente, esta divisão, também entre nós, e quais são as alianças? (...) como se a A estivesse me por no meu lugar. É como se eu tivesse sentido, quando ouvi, e agora ligando estas coisas, é como se tivesse me posto no lugar, da colonizadora, a colonizadora do pensamento, é como se a A estivesse a falar ‘calma, tu não conheces o Nordeste do Brasil’ (...) como se eu fosse abusiva, e uma violência (...)”. Posteriormente, a analista comenta: *“é uma coisa com tom segregacionista né? (...) cheio de classes, não é? Como no topo da pirâmide, então no topo estão os americanos, depois não sei quem, depois os latinos, os asiáticos, não os asiáticos estão em cima dos latinos”*. E na sequência acrescenta *“(...) os mestiços estão um bocadinho em maus lençóis, não se identificam, porque são a terra de ninguém, ficam assim, um bocadinho num sem lugar”*

Na sequência desta análise, a entrevistadora C contou sobre o que sentiu em muitos dos momentos da entrevista:

“eu sentia muita vergonha por ser branca, e houve muitos momentos em que gostava de ser negra, porque eu via que eu estava de fora, e eu senti muitos incômodos algumas vezes, como se eu não pudesse falar (...)”

A partir desse comentário a analista B comenta:

“(...) a C, representando os brancos, agressora, e esta ideia de vergonha, de se sentir colocada nesse lugar, vergonha de, por um lado de se identificar ao agressor, de poder ser posta nesse lugar, mas depois também vergonha quase como se tivesse que reparar qualquer coisa (...)”

Hooks (2019) afirma que as mulheres negras enfrentam uma posição única na sociedade, sofrendo com o racismo, o sexismo e a opressão de classe, sem terem um grupo institucionalizado para explorar ou oprimir. Enquanto homens negros podem ser vítimas do racismo, ainda podem agir como opressores das mulheres, e mulheres brancas podem ser vítimas do sexismo, mas também podem oprimir as pessoas negras. Ambos os grupos têm

movimentos de libertação que favorecem seus interesses e mantêm a opressão de outros. As mulheres negras desafiam diretamente essa estrutura social e suas ideologias opressoras.

As alianças inconscientes, como descritas por Kaës (2014), desempenham um papel fundamental na formação do inconsciente, conectando cada indivíduo ao grupo por meio de acordos, pactos e leis que operam em um nível inconsciente. Essas alianças constituem os suportes metapsíquicos para a vida interna de cada indivíduo e as relações inconscientes entre os membros das instituições. Embora sejam responsáveis por sustentar a vida psíquica e estruturar as relações inconscientes dentro de um grupo, essas alianças também são defensivas e podem levar ao surgimento de sintomas compartilhados.

Presença e invisibilidade são duas facetas de uma mesma realidade que surge quando se está fora de lugar, sendo africano, negro e vivendo na diáspora "na terra dos outros". Isso revela uma sensação de deslocamento, seja temporário ou permanente, e um desejo de retornar ao local de origem, mesmo que não esteja claro qual é esse lugar (Gusmão, 2011).

O desamparo da mulher negra e a falência do contrato narcísico

Um tema que permeou toda a análise, desde o início até o seu término, foi o sentimento de desamparo experimentado pelas mulheres. Esse sentimento não apenas se manifestou durante as entrevistas, mas também se fez presente nos momentos de análise subsequente, provocando uma sensação de inquietação nas analistas.

De acordo com Lima e Lima (2020), o processo de exclusão social evidencia as falhas no pacto social em que certos indivíduos muitas vezes são desinvestidos e lançados em situações de desamparo, sem possibilidades de superá-lo. Isso representa uma quebra no contrato narcísico subjacente. Para esses teóricos, o sofrimento surge quando a identificação de alguns sujeitos não é validada pela norma cultural dominante. Ao se identificar com um ideal, uma autoridade, as instituições e seus discursos, esses sujeitos também buscam a confirmação do discurso

parental que nutriu seu narcisismo. No entanto, para algumas pessoas, esse processo ocorre de maneira negativa, já que, à medida que o sujeito se integra na esfera social e a voz materna é substituída pelo discurso social, a criança percebe que a linguagem resultante disso anula seu processo identificatório. Portanto, esses sujeitos enfrentam as disparidades entre o discurso social.

Conforme já discutido, a formação do Ideal do Eu está intrinsecamente relacionada ao discurso predominante, o qual pode deixar certos indivíduos à margem, negando o seu processo identificatório. No trabalho "O Eu e o Id" (Freud, 1923/2011), Freud explora a influência da sociedade na formação do Ideal do Eu e enfatiza que a construção desse ideal é moldada pelos ideais culturais e pelo discurso dominante na sociedade. Este é o ponto crucial, uma vez que em uma sociedade repleta de contradições, a exclusão de sujeitos que não se conformam com a norma predominante ocorre. Em outras palavras, aqueles que não são investidos pelo pacto narcísico, por se desviarem da norma cultuada pelo discurso hegemônico, são excluídos.

Consequentemente, a vivência cotidiana de um indivíduo negro é marcada pela sensação de que sua aparência coloca em risco sua integridade pessoal (Nogueira, 2021). Como discutido anteriormente, a construção da identidade de um sujeito passa por diversos discursos identificatórios, um deles sendo o discurso social, que molda o Ideal do Eu. No entanto, quando a cultura atribui ao negro uma natureza inaceitável, esses significados são internalizados pelo indivíduo negro e inevitavelmente resultam em configurações psíquicas específicas (Nogueira, 2021). É nessa direção que Souza (2021) argumenta que o Ideal do Eu para um indivíduo negro é associado à branquitude, mas, como essa autora enfatiza, essa identificação é impossível, o que coloca o indivíduo negro em um estado de sofrimento psíquico e social. Como resultado, os processos psíquicos pelos quais um indivíduo negro passa para construir sua identidade são caracterizados pelo sofrimento, uma vez que suas características fenotípicas não são investidas pelo pacto narcísico.

A entrevistada C narrou:

“E isso é tão doido que é estrutural, eu falo assim, o mais louco pra mim é que a escravatura foi há tantos anos, há tantos anos, há tantos anos, e eu colho frutos dela até hoje, e o tanto que nós mulheres a gente fica com medo de qualquer homem na rua, nós que temos aqui descendência de pessoas negras, e é tão doido que o racismo faz nós mulheres sentirmos medo de pessoas que poderiam ser os nossos filhos, os nossos irmãos, os nossos maridos. Se você vê um homem preto, você atravessa a rua porque você está sozinha com ele na rua, mas você vê um cara branco, você se sente segura”.

No início da análise, essa declaração levou duas das analistas a compartilharem experiências em que se encontraram em situações de perigo e desconforto com outro homem, momentos em que se sentiram vulneráveis e fragilizadas. Uma das histórias foi tão impactante e emocionalmente carregada que, durante a segunda fase da análise, decidiram não ouvi-la novamente. No decorrer desse segundo momento, uma das analistas fez o seguinte comentário: *“eu nem quero voltar a ouvir novamente, o que ela viveu e como ela contou e estava a pensar, e a minha rejeição, porque acho que foi uma intensidade tão grande, uma violência tão grande e estava a pensar que aconteceu entre nós o que aconteceu no grupo?(...)”.*

Para retomar o que Lima e Lima (2020, p.6) destacam: "o processo de exclusão social evidencia as falhas no pacto social em que certos sujeitos muitas vezes são desinvestidos e lançados em situações de desamparo, sem possibilidades de superá-lo. Isso representa a quebra do contrato narcísico".

Conclusão

Em conclusão, a análise da complexidade do racismo sob uma perspectiva psicanalítica revela uma teia intrincada de processos inconscientes que moldam a experiência das pessoas racializadas. O trabalho proposto por Kaes, centrado na análise de grupos, oferece uma

ferramenta valiosa para desvendar as dinâmicas subjacentes a essas experiências. Ao explorar o inconsciente coletivo e as alianças alienantes que permeiam as relações sociais, é possível entender como o racismo opera.

A psicanálise nos ensina que o racismo não se limita a atitudes explícitas de ódio ou preconceito, mas penetra nas profundezas da psique, afetando o processo da constituição da identidade de pessoas racializadas. As interseções entre raça, gênero e psicanálise lançam luz sobre as complexas maneiras pelas quais as mulheres negras são afetadas, frequentemente muito desamparadas em diversos níveis diferentes.

Além disso, a transgeracionalidade do racismo demonstra como as experiências passadas continuam a ecoar no presente, influenciando o inconsciente individual e coletivo. O racismo não é uma questão isolada, mas uma parte intrínseca de nosso psiquismo, nossa cultura e história.

Este estudo tem implicações significativas, tanto para a prática clínica quanto para a promoção da saúde mental em uma sociedade cada vez mais diversificada e multicultural. A compreensão das complexas interações entre psicanálise e racismo é essencial para enfrentar esse problema arraigado e trabalhar em direção a uma sociedade mais inclusiva e justa. À medida que exploramos essas questões, estamos no caminho para desvendar as camadas mais profundas do racismo e trabalhar em direção a uma transformação social que reconheça a humanidade em todos nós, independentemente de nossa origem racial.

Limitações e direções futuras

Este estudo apresenta algumas limitações, sendo uma delas relacionada ao fator tempo. A abordagem de análise em grupo, valiosa para compreender as dinâmicas sociais e psicológicas envolvidas, pode ser um processo demorado e complexo de se organizar. A coordenação de grupos focais, a coleta de dados e, principalmente, a análise conjunta exigem um investimento

considerável de tempo. Outra limitação notável deste estudo reside na dificuldade em recrutar um número maior de mulheres negras participantes. É possível que a dificuldade em conseguir participantes, mesmo após entrar em contato com grandes instituições e contatos potenciais, possa estar relacionada ao tema sensível do racismo. O racismo é um tema que, em muitos contextos, continua a ser estigmatizado e, em alguns casos, as pessoas podem hesitar em discutir abertamente suas experiências ou perspectivas relacionadas a esse assunto.

Como direção futura, seria benéfico realizar pesquisas mais abrangentes e inclusivas que incluam outros grupos mais diversificados de mulheres negras e imigrantes em Portugal. Isso permitiria uma compreensão mais completa das experiências relacionadas ao racismo, considerando diferentes contextos e vivências. Considerando a necessidade de um tempo alargado para a análise dos dados pode resultar em uma investigação mais aprofundada das dinâmicas psicológicas envolvidas. Essas abordagens contribuem para uma compreensão mais aprofundada e representativa das complexidades envolvidas na interseção entre o racismo e a saúde mental das comunidades marginalizadas em Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, N. D. S. (2021). *Racismo e psicanálise: a voz da mulher negra na literatura*.
- Ambra, P. (2019). *O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez*. SIG Revista de Psicanálise, 8(1), 85-101.
- Araújo, M. (2007). *Racismo*. Em *Somos diferentes, Somos Iguais: diversidade, cidadania e educação* (pp. 167-175). Santa Maria da Feira: Acção para a Justiça e Paz.
- Banks, I. (2000). *Hair matters: Beauty, power, and black women's consciousness*. NYU Press.
- Bion, W. R. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados* (Tradução: Wellington M. de Melo Dantas).
- Birman, J. (2017). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetivação*. Editora José Olympio.
- Correa, O. B. R. (2003). *Transmissão psíquica entre as gerações*. Psicologia usp, 14, 35-45.
- Campos, C. C. T., de Souza Santos, M., e Nobre, T. L. (2022). *O estranho e o negro: um olhar psicanalítico sobre o racismo*. Diaphora, 11(1), 35-40.
- Davids, M. F. (2020). *Psychoanalysis and black lives*. *The International Journal of Psychoanalysis*, 101(5), 1039-1047.
- de Lellis, M. A. B. (2008). *O estranho para si mesmo: os desdobramentos do eu n" O Duplo"(1846), de Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski*.
- de Silva, R. F. (2020). *A influência do pensamento de Frantz Fanon na produção intelectual negra feminina*. *EntreLetras*, 11(2), 122-150.
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas* (1952)/trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu.

- Ferrara, J. A. (2019). *Diálogos entre colonialidade e gênero*. *Revista Estudos Feministas*, 27.
- Filho, I. A. P. (2022). *Racializando a Psicanálise: Rompendo as Fronteiras Alienantes da Branquitude*. *Expediente*, 9.
- Freud, S. (2013). *Psicologia das massas e análise do eu*. L&PM Pocket.
- Granjon, E. (2000). *A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta, 1, 17-43.
- Gonzales, L. (2018). *A categoria político-cultural da Amefricanidade (1988). Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa...* Coletânea organizada e editada pela UCPA-União dos Coletivos Pan-Africanistas. São Paulo: Diáspora Africana, 321-334.
- Gusmão, N. M. (2011). *"Na Terra do Outro": presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje*. *Dimensões: Revista de História da Ufes*, (26), 191-204.
- Harris, A. (2019). *The perverse pact: Racism and white privilege*. *American Imago*, 76(3), 309-333.
- Hinshelwood, R. D. (2007). *Intolerance and the intolerable: The case of racism*. *Psychoanalysis, Culture e Society*, 12, 1-20.
- Hooks, B. (2019). *E eu não sou uma mulher. Mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Kaës, R. (1997). *O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

- Kaës, R. (2001). *O sujeito da herança*. In Kaës, R., e Faimberg, H. et al. (Orgs.), *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (p. 9-25). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2007). *Um Singular plural: a psicanálise à provado grupo*. São Paulo, SP: Loyola.
- Kaës, R. (2011). *A realidade psíquica do vínculo*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(4), 155-166.
- Kilomba, G. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó.
- King, V., e Niabaly, D. (2013). *The politics of black womens' Hair*. *Journal of Undergraduate Research at Minnesota State University, Mankato*, 13(1), 4.
- Lima, P. M. R., e Lima, S. C. D. (2020). *Psicanálise crítica: a escuta do sofrimento psíquico e suas implicações sociopolíticas*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, e190256.
- Marques, J. C., Vieira, A., e VIEIRA, R. (2020). *Imigração portuguesa, políticas sociais e mediação intercultural. Migrações, Minorias Étnicas, Políticas Sociais e (Transformações)*, 15-32.
- Mbembe, A. (2018). *Crítica da razão negra*. n-1 edições. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo.
- Nayak, A. (2007). *Critical whiteness studies*. *Sociology Compass*, 1(2), 737-755.
- Minerbo, M. (2019). *Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica*. Editora Blucher.
- Nascimento, E. L. (Ed.). (2008). *Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente* (Vol. 3). Grupo Editorial Summus.

- Nogueira, I. B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. Editora Perspectiva S/A.
- Oliveira, C. R. (2022). *Indicadores de Integração de Imigrantes 2022: Relatório Estatístico Anual* (Vol. 7). Observatório das Migrações, ACM, IP.
- Roberto, S., Rosado, F. F., Santos, O. C., Pote, L. M., e Neves, T. S. (2021). Investigação qualitativa psicanaliticamente informada: Contributos teórico-metodológicos. *New Trends in Qualitative Research*, 8, 770-777.
- Rosário, E., Santos, T., e Lima, S. (2011). *Discursos do racismo em Portugal: Essencialismo e inferiorização nas trocas coloquiais sobre categorias minoritárias* (Vol. 44). Observatório da Imigração, ACIDI, IP.
- Reis, E. S. (2019). Transmissão transgeracional–subjativação do trauma coletivo. *Primórdios*, Rio de Janeiro, 6(6), 45-66.
- Santos, S. N. (1983). *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal.
- Silva, M. C. (2021). Racismo: um trauma coletivo não considerado. *Revista latino-americana de Psicologia Corporal*, 8(11), 38-57.
- Silva, P. E. D. (2017). *O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 19-32.
- Soares, A. M. P. (2018). *Cabelo importa: os significados do cabelo crespo/cacheado para mulheres negras que passaram pela transição capilar* (Master's thesis, Universidade Federal de Pernambuco).
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Schucman, L. V. (2012). *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

Vala, J. (2021). *Racismo Hoje: Portugal em Contexto Europeu*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Veiga, L. (2022). *Clínica do impossível: Linhas de fuga e de cura*. Telha.

ANEXOS

Consentimento Informado

Cara Participante,

Você está sendo convidada a participar de um estudo de dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, intitulado "Processos Psíquicos e Racismo: Mulheres negras e migrantes em Portugal." A ser realizado sob orientação da Professora Sandra Roberto, no Instituto Piaget. Antes de tomar uma decisão sobre sua participação, é importante que você entenda a natureza do estudo, seus objetivos, os procedimentos envolvidos e quaisquer riscos ou benefícios associados à sua participação. Por favor, leia atentamente as informações a seguir e, se concordar em participar, assine o formulário no final.

Objetivos do estudo:

O objetivo deste estudo é explorar as experiências de discriminação, racismo e desafios psicológicos enfrentados por mulheres negras e migrantes em Portugal. Pretendemos compreender melhor como essas experiências afetam sua vida emocional e psicológica.

Procedimentos:

Sua participação envolverá a realização de grupos focais, nos quais você será convidada a compartilhar suas experiências, percepções e emoções relacionadas ao tema do estudo. Os grupos focais serão realizados em um ambiente seguro e confidencial, com a presença da pesquisadora e de outras participantes.

Os grupos focais serão gravados para garantir a precisão das informações coletadas, mas sua identidade será mantida em sigilo e os dados serão tratados de forma anônima e confidencial.

Riscos e benefícios:

O estudo pode trazer à tona emoções e memórias relacionadas a experiências de discriminação ou racismo, o que pode ser desconfortável ou emocionalmente desafiador. No entanto, será feito o possível para criar um ambiente de apoio e respeito durante os grupos focais.

Espera-se que este estudo contribua para uma melhor compreensão das questões enfrentadas por mulheres negras e migrantes em Portugal, potencialmente beneficiando outras pessoas que vivenciam situações similares.

Confidencialidade:

Todas as informações fornecidas por você durante o estudo serão tratadas de forma estritamente confidencial.

Os dados coletados serão armazenados em um local seguro e acessados apenas pela equipe de pesquisa.

Na divulgação dos resultados, serão tomadas medidas para garantir a anonimização e proteção da sua identidade.

Participação voluntária:

Sua participação neste estudo é completamente voluntária. Você tem o direito de recusar-se a participar ou retirar-se do estudo a qualquer momento, sem sofrer qualquer consequência ou prejuízo.

A decisão de participar ou não, e sua decisão de compartilhar ou não informações específicas durante os grupos focais, são de sua responsabilidade.

Eu, abaixo assinada, confirmo que li e entendi as informações fornecidas acima e concordo em participar voluntariamente do estudo "Processos Psíquicos e Racismo: Mulheres negras e migrantes em Portugal". Estou ciente de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou prejuízo. Também compreendo que minha identidade será mantida em sigilo e que as informações fornecidas por mim serão tratadas de forma confidencial e anônima.

Nome da Participante: _____

Assinatura da Participante: _____

Data: _____

Após assinar o formulário de Consentimento Informado, você receberá uma cópia para seus registros.

Se você tiver alguma dúvida ou preocupação sobre o estudo, por favor, entre em contato com a Investigadora Principal, cujas informações de contato estão fornecidas abaixo:

Contactos da estudante de Mestrado Pâmela Almeida Barcelos Ruiz:

E-mail: pamela.a.bruiz@gmail.com

Telefone: 910075869

Contacto da professora responsável:

E-mail: sandra.roberto@ipiaget.pt

Agradecemos a sua participação neste estudo e sua contribuição para o avanço do conhecimento sobre as experiências de mulheres negras e migrantes em Portugal.

Professora Doutora Sandra Roberto

Pâmela Almeida Barcelos Ruiz

Questionário de Caracterização

Obrigada por concordar em participar do estudo, se trata de um estudo qualitativo sobre as vivências de mulheres negras e migrantes em Portugal. As seguintes perguntas ajudarão a coletar informações sociodemográficas importantes para o estudo. Suas respostas serão tratadas de forma confidencial e anônima.

Idade: _____ anos

Estado civil:

- a) Solteira
- b) Casada
- c) União estável
- d) Divorciada
- e) Viúva

Nacionalidade: _____

País de origem: _____

Há quanto tempo você reside em Portugal?
_____ anos

Nível de escolaridade:

- a) Ensino básico incompleto
- b) Ensino básico completo
- c) Ensino secundário incompleto
- d) Ensino secundário completo
- e) Ensino superior incompleto
- f) Ensino superior completo
- g) Pós-graduação

Profissão atual: _____

Situação profissional:

- a) Empregada
- b) Desempregada
- c) Estudante
- d) Aposentada
- e) Autônoma
- f) Outro: _____

Você se identifica como:

- a) Mulher negra
- b) Mulher imigrante
- c) Mulher negra e imigrante
- d) Outro: _____

Você se considera religiosa?

- a) Sim
- b) Não

Se sim, qual é a sua religião?

Você tem filhos?

- a) Sim
- b) Não

Caso tenha filhos, quantos?

Agradecemos por responder a este questionário. Suas respostas são essenciais para o desenvolvimento deste estudo. Se você tiver alguma dúvida ou preocupação, por favor, entre em contato com a Pâmela.